



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDO DE LINGUAGENS

MICHELLE REGINA DA SILVA SANTOS

**CONCEPTUALIZAÇÕES DE MULHERES NEGRAS ITAPARICANAS NO INÍCIO
DO SÉCULO XX: UM ESTUDO COGNITIVO SÓCIO-HISTÓRICO EM NOVELAS
LITERÁRIAS DE XAVIER MARQUES**

SALVADOR
2023

MICHELLE REGINA DA SILVA SANTOS

**CONCEPTUALIZAÇÕES DE MULHERES NEGRAS ITAPARICANAS
NO INÍCIO DO SÉCULO XX: UM ESTUDO COGNITIVO SÓCIO-
HISTÓRICO EM NOVELAS LITERÁRIAS DE XAVIER MARQUES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL) da Universidade do Estado da Bahia, como requisito de obtenção do grau de Mestra em Estudo de Linguagens.

Orientadora: Profa. Dra. Elisângela Santana dos Santos

**SALVADOR
2023**

FICHA CATALOGRÁFICA

Biblioteca Professor **Edivaldo Machado Boaventura - UNEB – Campus I**
Bibliotecária: Célia Maria da Costa – CRB5/918

S237c

Santos, Michelle Regina da Silva

Conceptualizações de mulheres negras itaparicanas no início do século XX: um estudo cognitivo sócio-histórico em novelas literárias de Xavier Marques / Michelle Regina da Silva Santos.- Salvador, 2023.
68 f.

Orientadora: Elisângela Santana dos Santos.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens - PPGEL, Campus I. 2023.

Contém referências.

1. Linguística cognitiva. 2. Marques, Xavier, 1861-1942. Maria Rosa – Crítica e interpretação. 3. Marque, Xavier, 1861-1942. O arpoador - Crítica e interpretação. 4. Negras na literatura. 5. Mulheres negras – Produção literária (BA). I. Santos, Elisângela Santana dos. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus I. III. Título.

CDD: 808.89282

MICHELLE REGINA DA SILVA SANTOS

**CONCEPTUALIZAÇÕES DE MULHERES NEGRAS ITAPARICANAS NO INÍCIO
DO SÉCULO XX: UM ESTUDO COGNITIVO SÓCIO-HISTÓRICO EM NOVELAS
LITERÁRIAS DE XAVIER MARQUES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL) da Universidade do Estado da Bahia, como requisito de obtenção do grau de Mestra em Estudo de Linguagens.

Aprovado em: ___/___/____ pela banca examinadora:

Profa. Dra. Elisângela Santana dos Santos (Orientadora)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Profa. Dra. Maria da Conceição Reis Teixeira (avaliadora interna)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Prof. Dr. Natival Almeida Simões Neto (avaliador externo)

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

*Dedico, a Ti meu Deus. À minha família. E
àqueles que confiam verdadeiramente em
mim*

AGRADECIMENTOS

A Deus todo poderoso, amigo, confidente e conselheiro de todas as horas. Aquele que, além do sopro de vida, sempre me sustentou e me conduziu até aqui. Veio Dele toda inspiração para escrever cada linha desta dissertação. Sem tua força, meu lindo Deus, não chegaria tão longe.

A minha amada mãe, Dilene Regina, que sempre cultivou em mim o valor de um livro, de um professor, da educação. Sementes plantadas que, gradativamente, foram florescendo ao longo da minha jornada escolar e amadurecendo durante a minha vida acadêmica.

À minha irmã e alma gêmea, Millene, que sempre está presente nos meus dias, nos meus pensamentos, e segurando minha mão nas horas que as palavras eram lágrimas. Agradeço a ela por ter me presenteado com meu amor maior, Eduardo, meu sobrinho/afilhado que tem o melhor abraço que já existiu.

Aos meus avós maternos, Diva e Roberto (*in memoriam*), por me acolherem com carinhos que só os avós podem proporcionar. Cada conversa, cada noite de sono, cada conselho, foi fundamental para manter firme minha saúde física e mental.

Aos meus padrinhos, Florisvalda e Cristovão, pelo estímulo de sempre que começou com o sal da vida eterna em Cristo Jesus e se propagou em conversas, palavras e atitudes sinceras. Obrigada!

Aos meus tios, Robenilton e Lucas, pelos direcionamentos e orientações sobre como viver a vida. As minhas tias, Edileide e Regina, pelo acolhimento necessário durante toda a minha trajetória acadêmica. Serei sempre grata.

A meu pai, Marivaldo, que mesmo sem entender os caminhos percorridos nessa jornada universitária, esteve presente de alguma forma.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), por me conceder bolsa de estudo para que essa dissertação fosse construída.

À minha professora e orientadora, Elisângela Santana dos Santos. Com ela, tive a oportunidade de conhecer os estudos da metáfora e da Linguística Cognitiva. Gratidão!

Aos professores da banca de qualificação e defesa, Maria Conceição Reis Teixeira e Natival Almeida Simões Neto, pela disponibilidade e boa vontade para o amadurecimento e enriquecimento deste trabalho.

Às minhas queridas amigas, Vanessa Cerqueira e Vanessa Bispo, por terem acompanhado mais de perto minha vida pessoal ao longo da produção desta dissertação, por

serem sempre tão entusiastas quanto ao tema da pesquisa e, principalmente, por compartilharem comigo suas experiências acadêmicas e pessoais. Saibam que meus dias ficaram mais leves com a certeza da amizade de vocês.

A UNEB - Campus II e ao DLLARTES (Departamento de Linguística, Literatura e Artes) e aos meus alunos da disciplina de Crítica Textual: edições e estudos, pelo conhecimento compartilhado e acolhimento durante o período do Estágio Supervisionado. Foi uma experiência incrível.

À minha querida professora Dilcéia Almeida Sampaio, *in memoriam*, pelo carinho, acolhimento e ensinamentos transmitidos no início da minha graduação em Letras Vernáculas. Acredito que nosso encontro aqui, neste plano espiritual, não foi por acaso.

À minha saudosíssima professora Denise Gomes Dias, por ter me presenteado com o conhecimento sobre o escritor Xavier Marques. Serei sempre grata pela sua compreensão e otimismo.

Às minhas colegas de turma e trajetória acadêmica Marylin Fernandes, Mayza Keelly e Patrícia Oliveira. As nossas conversas, vivências e experiências foram essenciais para a compreensão da força que nossas pesquisas transmitem. Obrigada!

Hórus Osíris, obrigada, por deixar os meus dias muito mais felizes com toda sua travessura, fofura, fidelidade e inteligência que todo amigo de quatro patas pode oferecer.

A todos os meus amigos, cujos nomes não caberiam aqui, obrigada pelo carinho e torcida.

“Existe um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes e produções [de mulheres negras] e, para além de refutar esse olhar, é preciso que partamos de outros pontos.”
Djamila Ribeiro

RESUMO

O presente trabalho tem o propósito de estudar os processos de conceptualização e de categorização da mulher negra itaparicana, em duas novelas literárias escritas por Francisco Xavier Ferreira Marques. As novelas *Maria Rosa* e *O Arpoador* foram escritas no início do século XX e fazem parte de um contexto sócio-histórico em que a mulher itaparicana não tinha espaço para questionamentos. Para isso, seguiu-se a abordagem metodológica qualitativa, documental, descritiva e interpretativa, levando em consideração o contexto sócio-histórico em que os textos constituintes do *corpus* foram produzidos, além do conhecimento enciclopédico. Esse trabalho tem como arcabouço teórico as contribuições da Linguística Cognitiva e, mais especificamente, os pressupostos teóricos-metodológicos da Semântica Cognitiva Sócio-Histórica, da Teoria da Metáfora Conceptual e da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, sobretudo, com base nas discussões realizadas por Lakoff e Johnson (2002), com enfoque nos estudos sobre categorização, conceptualização, metáforas conceptuais e esquemas imagéticos. Os resultados foram organizados a partir do levantamento dos domínios da experiência identificados nas novelas literárias estudadas, revelando as formas metafóricas de conceptualizar as mulheres negras itaparicanas. Entre as conceptualizações metafóricas identificadas, localizou-se, por exemplo, SER HUMANO É ANIMAL e SER HUMANO É VEGETAL que se desdobram em outras metáforas como MULHER NEGRA ITAPARICANA É TAINHA e MULHER NEGRA ITAPARICANA É FLOR DE SALSA DAS PRAIAS. Diante disso, este estudo reflete sobre a influência das conceptualizações no estabelecimento e nas construções de estereótipos sobre as mulheres negras que habitavam a cidade de Itaparica/BA no século passado, por meio das novelas *Maria Rosa* e *O Arpoador*.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva; Semântica Cognitiva; Conceptualização Metafórica; Mulher Negra Itaparicana.

ABSTRACT

The present work has the purpose of studying the processes of conceptualization and categorization of black women from Itaparica, in two literary novels written by Francisco Xavier Ferreira Marques. The novels *Maria Rosa* and *O Arpoador* were written at the beginning of the 20th century and are part of a socio-historical context in which women from Itapari had no room for questioning. For this, a qualitative, documental, descriptive and interpretative methodological approach was followed, taking into account the socio-historical context in which the constituent texts of the corpus were produced, in addition to encyclopedic knowledge. Its theoretical framework is the contributions of Cognitive Linguistics and, more specifically, the theoretical-methodological assumptions of Socio-Historical Cognitive Semantics, the Theory of Conceptual Metaphor and the Theory of Idealized Cognitive Models, based on the discussions carried out by Lakoff and Johnson (2002).), among others, and with a focus on studies on categorization, conceptualization and conceptual metaphors. The results were organized from the survey of the domains of experience identified in the studied literary novels, revealing that there are different ways of conceptualizing black women from Itaparica, through the use of conceptual metaphors. Among the metaphorical conceptualizations identified, for example, BEING HUMAN IS ANIMAL and BEING HUMAN IS VEGETABLE which unfold in other metaphors such as BLACK WOMAN ITAPARICANA IS mullet and BLACK WOMAN ITAPARICANA IS PARSLEY FLOWER FROM BEACHES. In this study, we sought to reflect on how conceptualizations negatively influenced the establishment and construction of stereotypes about black women who inhabited the city of Itaparica in the last century.

Keywords: Cognitive Linguistics. Cognitive Semantics. Metaphorical Conceptualization. Itaparica Black Woman.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SC Semântica Cognitiva

LC Linguística Cognitiva

TMCI Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados

MCI Modelos Cognitivos Idealizados

TMMC Teoria da Metáfora Conceptual

SSHC Semântica Cognitiva Sócio-Histórica

Esquema- I Esquema Imagético

CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. A MULHER NEGRA NA SOCIEDADE BRASILEIRA: DO PERÍODO COLONIAL AO FEMINISMO NEGRO.....	11
3 LINGUÍSTICA COGNITIVA: CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DAS METÁFORAS.....	20
3.1 SEMÂNTICA COGNITIVA SÓCIO-HISTÓRICA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS	21
3.2 TEORIA DA METÁFORA CONCEPTUAL.....	27
3.2.1 Categorização e conceptualização	30
3.3 TEORIA DOS MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS.....	33
4 ABORDAGEM METODOLÓGICA	37
4.1 O GÊNERO NOVELA E A CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS DA PESQUISA	38
5 ESTUDO DAS CONCEPTUALIZAÇÕES.....	43
5.1 CONCEPTUALIZAÇÕES DA MULHER NEGRA ITAPARICANA NA NOVELA <i>MARIA ROSA</i> (1936)	43
5.2 CONCEPTUALIZAÇÕES DA MULHER NEGRA ITAPARICANA NA NOVELA <i>O ARPOADOR</i> (1936)	53
6 À GUIA DE CONCLUSÃO: MULHERES NEGRAS REESCREVENDO SUAS HISTÓRIAS	56
REFERÊNCIAS.....	58

1. INTRODUÇÃO

A mulher negra costuma ser perspectivada de maneira sexualizada em diversas produções literárias, inclusive em textos de alguns escritores canônicos da literatura brasileira, como Gregório de Matos¹, Aluísio Azevedo², Jorge Amado³, dentre outros. Essas perspectivas evidenciam conceptualizações que tendem a reverberar o estereótipo da mulher negra sensual, imoral, devassa, louca, visões que extrapolam o contexto literário e que trazem à tona, também, o contexto histórico-cultural da sociedade brasileira. Conhecer e poder refletir sobre as trajetórias de mulheres negras que lutam e permanecem firmes em meio a um contexto sexista e machista, de silenciamentos e apagamentos, são algumas das principais motivações para a elaboração desta dissertação.

É importante destacar que, na busca por conhecimentos acerca das vivências de mulheres negras na cidade de Itaparica nos séculos XX, a pesquisadora, que é uma mulher do século XXI, deparou-se com textos permeados de conceptualizações metafóricas que evidenciam animalização e a coisificação dessa mulher. Sob a estratégia de dominação do branco colonizador, que traz a noção de branquitude como relevante nas histórias que devem ser transmitidas, a sociedade por muito tempo negou a humanidade da população negra. Narrativas e produções literárias de intelectuais itaparicanos que colocam em destaque as mulheres negras, não são diferentes das demais, por vezes são estigmatizadas, racistas, sexualizadas, estereotipadas, preconceituosas e excludentes.

A partir dessa ótica, esta pesquisa baseia-se em um *corpus* constituído pela obra *Praieiros* (1936) do escritor Francisco Xavier Ferreira Marques⁴, que reúne as novelas literárias *Maria Rosa*, *O Arpoador* e *A Noiva do Golfinho*. Estudar e teorizar as conceptualizações metafóricas da mulher negra itaparicana nesses textos literários é fundamental para compreensão da experiência humana como construtora de significados com base em conhecimentos históricos, biológicos, culturais, sociais, psicológicos, dentre outros.

Esta pesquisa está estruturada a partir da Linguística Cognitiva, modelo teórico considerado como campo de conhecimento no final da década de 1970. A abordagem desta teoria promove uma ruptura epistemológica com base numa visão integradora dos estudos do

¹ Advogado e poeta do Brasil Colônia, Gregório de Matos e Guerra (1636-1696), é considerado um dos maiores poetas do Barroco na literatura portuguesa e brasileira.

² Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo (1857-1913), além de ser desenhista, pintor, jornalista e caricaturista, foi um romancista cujo foco literário era retratar e criticar a sociedade.

³ Jorge Leal Amado de Faria (1912-2001), foi jornalista e escritor brasileiro considerado um dos representantes do romance regionalista da Bahia.

⁴ Xavier Marques (1861-1942) nasceu na cidade de Itaparica que fica localizada no estado da Bahia. Atuou como jornalista, político, poeta, romancista, biógrafo e ensaísta.

fenômeno da linguagem, levando em consideração a recepção dos dados da experiência para a construção da significação referente ao universo geo-sócio-histórico-cultural. Desse modo, conforme defende Almeida (2018), os princípios dessa abordagem cognitivista se sustentam na noção do *pensamento corporificado*⁵ – postulando que o primeiro contato com o mundo se dá através dos sentidos corporais - e a partir daí algumas extensões são estabelecidas. De acordo com esse ponto de vista, o corpo humano exerce um papel fundamental na construção do significado.

Seguindo-se, pois, essa premissa, a presente investigação visa a responder aos seguintes questionamentos: o que as conceptualizações metafóricas das mulheres negras itaparicanas no início do século XX, presentes nas novelas literárias de Xavier Marques, evidenciam? De que forma as perspectivações, identificadas nas narrativas apresentadas, promovem reflexões para discussões sobre o enfoque do feminismo negro?

Desse modo, com o intuito de responder a essas questões, tem-se por objetivo geral a forma como as conceptualizações da mulher negra itaparicanas são apresentadas na obra do referido autor. E como objetivos específicos, esta pesquisa dedica-se a: (i) especificar a importância de fazer leituras críticas diante dos textos literários; (ii) discutir sobre as conceptualizações da mulher negra itaparicana e suas possíveis perspectivações dentro do conhecimento experiencial dos indivíduos e seus pensamentos corporificados; (iii) argumentar sobre os efeitos das conceptualizações para a desvalorização da identidade cultural e étnico-racial das mulheres negras; (iv) apresentar metodologias de análises com base nos pressupostos teóricos metodológicos da Linguística Cognitiva, aliadas a uma discussão das relações de empoderamento do gênero feminino.

Na busca por compreender a construção do discurso e as práticas de representações coloniais sobre o corpo e o poder, tomo o olhar crítico de Fanon (2008), Hall (2013), Prado e Rodrigues (2010) e Trippia e Baracat (2013). Estes autores discutem sobre como a subjetivação e estratégias de poder colonial atingem direta e indiretamente o sujeito negro, bem como seu mundo, sua cultura, suas crenças e modos de (re)existir e viver.

Os estudos sobre as mulheres negras, por sua vez, estão pautados nas discussões de autoras, como Bairros (1995), Carneiro (2003), Collins (1989, 2015), Pacheco (2013), Ribeiro (2019), dentre outras. Esses estudos possuem grande importância para a realização de análises sobre as diversidades e desigualdades existentes entre os sujeitos marcados por eixos de opressão, sobretudo – as mulheres- que têm sido os sujeitos do feminismo.

⁵ Segundo Martelotta et. al. (2021, p.181), o pensamento é corporificado pois a percepção que temos do mundo é limitada por nossas características físicas. A mente, portanto, não é separada do corpo”.

Para compor o aporte teórico e proceder à análise do *corpus* selecionado, tem-se como base os princípios postulados pelas Teorias da Metáfora Conceptual e Modelos Cognitivos Idealizados, Categorização e Conceptualização, dos Esquemas Imagéticos e nos estudos realizados por Almeida (2018), Geeraerts (1993), Lakoff (1980, 1987, 1999, 2002), Littlemore (2015), Silva (1997), Santos (2011, 2015), Sperandio (2010), dentre outros.

Portanto, dentro desta perspectiva, na Introdução, pretende-se demonstrar o contexto da pesquisa, evidenciando as justificativas, os objetivos e o percurso para sua organização. As seções seguintes, que constituem o corpo do trabalho, intitulam-se: 2. *A mulher negra na sociedade brasileira: do período colonial ao feminismo negro*; 3. *Linguística Cognitiva: contribuições para os estudos das metáforas*; 4. *Abordagem metodológica*; 5. *Estudo das conceptualizações*; e 6. *À guisa de conclusão: mulheres negras (re)escrevendo suas histórias*.

A segunda seção dispõe um breve histórico sobre como se evidencia a questão complexa entre as perspetivações de gênero e de raça na constituição e estabelecimento da identidade da mulher negra. Além disso, esse tópico apresenta como a cor da pele as reduzia à condição de escravizadas. Entretanto, na seção 2, mostra-se que o paradigma racial não se limitou à cor da pele: houve um sistema machista/patriarcal que sustentou a exploração e a sexualização de seus corpos, diferente do que ocorria com as mulheres brancas.

A terceira seção está pautada nos fundamentos teóricos que contribuem para a análise das conceptualizações metafóricas de mulheres negras itaparicanas. Assim, apresenta uma revisão teórica sobre os estudos que fomentam os pressupostos de que a linguagem metafórica expressa a forma de pensar, de agir e de ser humano.

Por conseguinte, na quarta seção, foram desenvolvidos os percursos teórico-metodológicos que subsidiam esta dissertação, com o objetivo de apresentar com nitidez o caminho adotado para a realização da pesquisa. Na quinta seção dispõe-se de um contexto das narrativas literárias *Maria Rosa e O Arpoador*, além de reflexões a partir de análises das conceptualizações metafóricas da mulher negra na cidade de Itaparica, desenvolvendo a compreensão dos esquemas imagéticos e explicando seu funcionamento dentro da Linguística Cognitiva. Por fim, esta pesquisa apresenta como resultado uma reflexão sobre as formas que as mulheres negras (re)escrevem suas histórias, no último tópico indico as considerações parciais da pesquisa, seguidas das referências que foram utilizadas como contribuição teórica.

2. A MULHER NEGRA NA SOCIEDADE BRASILEIRA: DO PERÍODO COLONIAL AO FEMINISMO NEGRO

A partir do estudo sobre a história das mulheres negras na sociedade brasileira, perceber-se que há uma discussão importante a se considerar: de um lado, tem-se uma perspectiva de um contingente que é cercado por estereótipos de exclusão, pela perpetuação do sexismo, pela irracionalidade do machismo, pela violência do sistema patriarcal, e, de outro, há um conjunto de mulheres, articuladas ao movimento feminista, que enfrentam essas complexas formas de discriminação. São esses os elementos estruturados historicamente nas relações sociais no Brasil e surgem no intuito de problematizar as vivências das mulheres negras imersas neste contexto.

Nesse sentido, esta dissertação leva em conta as marcas deixadas pelo colonialismo⁶ na sociedade brasileira, mantendo-se ao longo dos séculos, por meio de uma cultura eurocêntrica e racista. Conforme afirma Hall (2013), “o colonial não está morto, já que sobrevive através dos seus efeitos secundários” (HALL, 2013, p.120). O contexto de discriminação racial se impõe justamente nas condições de gênero-classe e, igualmente, devem ser consideradas outras dimensões como a sexualidade e as experiências vivenciadas por mulheres negras, como a violação de direitos, violência e obstáculos construídos numa sociedade que ainda insiste em repetir padrões pautados em modelos diferentes, impedindo de certo modo o desenvolvimento identitário individual e coletivo da cultura negra.

A *violação colonial*⁷ praticada pelos brancos contra as mulheres negras e indígenas, trouxe particularidades que deixam evidentes a condição da mulher negra no país através de um histórico de escravização que os colonizadores impuseram aos negros.

Embora essa conjuntura correspondente ao colonialismo tenha findado, as feridas causadas ainda continuam latentes e, por vezes, as opressões são reencenadas, na medida em que são reconfiguradas em situações de preconceito na escola, na rua, como os casos de violência contra professoras negras em escolas públicas do Brasil.

Como aponta Vitorio (2020), o colonialismo assujeita os povos negros, criando em suas subjetividades um complexo psicoexistencial que os distanciam do ideal de ser humano.

⁶ O termo *colonialismo* pode ser conceituado como um método de dominação de uma nação sobre outra por meios territoriais, culturais e econômicos. Dentro desta noção inicia-se não apenas a organização colonial do mundo, mas a constituição colonial dos saberes, das linguagens, da memória e do imaginário (MIGNOLO,1995; QUIJANO,1992).

⁷ Segundo Carneiro (2020), a experiência histórico-social de mulheres negras é diferente do que o discurso clássico sobre a opressão da mulher tem enfatizado. Sem notar a diferença qualitativa do efeito dessa opressão, a identidade feminina de mulheres negras é apagada (CARNEIRO, 2020, p.1).

Embora Fanon (2008), em *Pele negra, Máscaras Brancas* não cite as mulheres negras dentro da noção da corporeidade e do racismo, ainda assim, pode-se refletir como esses discursos também são utilizados para a animalização e objetificação destinada a elas. Além disso, o autor discorre sobre o período pós-colonial, colocando-o como uma questão importante para ser discutida.

Desse modo, o conceito explorado por Fanon (2008) mostra que há uma ambiguidade, tanto no sentido epistemológico quanto no cronológico, já que o prefixo *pós* deveria significar o fim de um período e início de outro; no entanto, isso só ocorre na teoria, pois na prática, a demarcação das diferenças raciais, sociais e de gênero, estabelecida no cenário colonial ainda persiste na sociedade contemporânea.

Diante do exposto, observa-se que a mulher negra, em termos gerais, é desvalorizada no mercado de trabalho, sendo relegada a funções menos especializadas, a trabalhos informais e a baixos salários. Ela tende a ser preterida em relação aos seus concorrentes, mesmo que tenha um nível de qualificação elevado. Quando contratada, recebe remuneração inferior à recebida pelas mulheres brancas, ocupando a última posição na hierarquia de desigualdade, como apresentada por Cisne (2015), cuja ordem é “homem branco, mulher branca, homem negro (e pardo), mulher negra” (CISNE, 2015, p.28).

Nesse sentido, o colonialismo escancara as necessidades de discutir as diferenças, visto que objetiva as homogeneizar, encaixando-as em uma única categoria: a universal. Hall (2013) afirma que:

A transição para o “pós-colonial” é caracterizada pela independência do controle colonial direto, pela formação de novos Estados-nação, por formas de desenvolvimento econômico dominados pelo crescimento do capital local e suas relações de dependência neocolonial com o mundo desenvolvido capitalista, bem como pela política que advém da emergência de poderosas elites locais que administram os efeitos contraditórios do subdesenvolvimento. É igualmente significativo o fato de ser caracterizada pela persistência de muitos efeitos da colonização e, ao mesmo tempo, por seu deslocamento do eixo colonizador/colonizado ao ponto da sua internalização na própria sociedade descolonizada. (HALL, 2013, p.120)

Em consonância com esse pensamento, Fanon (2008) defende que há uma visão maniqueísta estabelecida no interior da sociedade colonizada, na qual se coloca o negro como sub-humano, introjetando nele, através da colonização mental, pensamento de inferioridade, subserviência, o ideal de homem a ser alcançado, que ainda segundo Fanon (2008) é: o ser branco. Assim, a ideologia eurocêntrica sobrevive desde o período colonial, que por sua vez, organiza a sociedade sob a ótica da hierarquização de raça e classe, inculcando no negro ou

negra a ideia da inferiorização epidérmica, o desejo de ser branco, para então ser aceito na sociedade. Como tentativa de escapar do olhar desumanizador do branco, muitas pessoas negras acabam assumindo uma máscara branca. De acordo com Fanon (2008):

Todo povo colonizado - isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento da sua originalidade cultural - toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva (FANON, 2008, p. 34).

O autor também afirma que “embora a escravização tenha acabado, os processos de alienação psicossociais que objetivavam a desumanização dos negros ainda reverberam, levando-os a buscar a validação da sua existência no olhar do branco.” (FANON, 2008, p.26-27). Com isso, ele indica que ter a branquitude como ponto de referência, ou seja, sob a perspectiva em que a ciência moderna se estruturou, com bases racistas e eurocêntricas, forjadas com o propósito de desqualificar e desumanizar povos e culturas não-europeus, traduz como o período colonial influenciou e ainda continua influenciando para manutenção das relações de dominação e exploração. Esta operação de influência e opressão foi acompanhada da reafirmação da Europa e dos europeus como modelo de humanidade e de produção de conhecimentos válidos para toda a sociedade capitalista global moderna.

Os efeitos secundários do colonialismo, como a escravização mental e as dinâmicas racistas, interferem diretamente nas relações sociais das mulheres negras. No primeiro caso, pelo fato de se sentirem inferiorizadas diante do branco, o que resulta em uma supervalorização desse e a desvalorização de si mesma e do grupo ao qual pertence. Já no segundo caso, ocorre pela forma como o colonialismo se reinventa através do racismo estrutural. Os efeitos provocados pelo racismo fazem com que as imagens construídas em relação às mulheres negras na colonização sejam atualizadas e reforcem um estereótipo desfavorável à sua emancipação, implicando nas relações sociais em um espectro negativo.

Como sustenta Trippia e Baracat (2013), a abolição não equiparou negros e brancos, fato que fez permanecer a dependência econômica da população negra, bem como o estereótipo ligado à sua cor; os postos de trabalho foram ocupados pelos imigrantes europeus, e para os negros restou a submissão às tarefas de piores remunerações. (TRIPPPIA; BARACAT, 2013, p.6). Posterior ao período escravagista e à abolição, as mulheres negras eram relegadas à ocupação de trabalhos subalternos, fato que ocorre nos dias atuais, quando se verifica que os principais postos de emprego ocupados pelas mulheres negras brasileiras são os relacionados ao trabalho doméstico, informal e de serviços gerais.

As lutas das mulheres negras são visualizadas em suas conquistas, até mesmo no campo político institucional de âmbito internacional. Mas é necessário que se tenha cautela na sua legitimação perante o Estado, para que não caia no elitismo e nem perca suas expressões revolucionárias, radicais e subversivas. A visibilidade da mulher negra trouxe a elas políticas públicas, minimamente garantidoras de seus direitos, como a participação em espaços renomados para discussão e ampliação a essa militância (PRADO; RODRIGUES, 2010). Nesse contexto de particularidade em relação ao caso da mulher negra, se torna emergente a construção de um feminismo que, além de abarcar o combate ao machismo e patriarcado, seja um coletivo classista e de combate à discriminação racial.

O racismo estrutural se constitui no mercado de trabalho em relação às mulheres negras, de modo que existe uma diferença de renda entre mulheres negras e brancas. Essa diferença na rentabilidade auxilia na manutenção da hierarquia de gênero, perpetuando a ideia de submissão da mulher ao homem já culturalmente difundida na sociedade através do patriarcado, o que contribui para discriminação e violência. Também é possível considerar que, mesmo com a conquista de alguns direitos igualitários, principalmente os constitucionais, os mesmos são dificultados perante o gênero feminino, já que o patriarcado estabelece que há lugares específicos para ocupação da mulher, o que é também afetado pelo seu baixo poder aquisitivo e pela sua cor.

Traçar o contexto histórico das mulheres negras no país, é fundamental para a discussão sobre subordinação e inferiorização diante das diferenças e semelhanças à situação das mulheres brancas (GOMES; CARNEIRO; MADEIRA, 2018). Contudo, observa-se que numa análise do processo histórico sobre a construção das relações sociais, aportes teóricos que ainda tomam como base características biológicas, bem como os aspectos fenotípicos e de gênero, trazendo para o centro da sociedade, novamente sistemas de hierarquização social, tais como o racismo e o sexismo. Isto se deve ao fato de o Brasil ter sido colônia portuguesa, entre os anos de 1500 e 1822, servindo como lugar de dominação e exploração dos colonos que usufruíram da mão-de-obra forçada de africanos e indígenas.

Mulheres e homens, foram trazidas da África para trabalhar na construção do “Novo Mundo”, construindo cidades, trabalhando em plantações, sem ao menos receberem remuneração, vivendo em condições degradantes, sujeitas à fome e doenças (GOMES; CARNEIRO; MADEIRA, 2018, p.3). E, além das mais variadas formas de exploração, as mulheres negras estavam nas ruas trabalhando como prostitutas, lavadeiras, quituteiras, na pecuária, lutando para sobreviver e manter sua família.

Dentro da noção de que existem diferentes culturas e modos de vida, diversas organizações familiares passaram a ser consideradas nesse território, entretanto, o sistema patriarcal que organiza, estrutura e domina as relações sociais de uma maneira geral, gerenciou a família nesse sistema escravocrata. Nesse sentido o patriarcado demarcou que:

A família não se restringia à formação pai, mãe e filhos, abrangia também demais parentes, dependentes, afilhados, concubinas, escravizados, todos regidos pelo patriarca, o homem branco, senhor de engenho, a autoridade nessa estrutura” (GOMES; CARNEIRO; MADEIRA, 2018, p.3).

Ao verificar nos registros históricos, percebe-se que as mulheres brancas lutavam contra as injustiças, tais como restrição de sua participação e permanência em espaços públicos, falta de representação política, situações de violência e além disso eram submetidas à dominação dos pais e maridos. Apesar de toda opressão sofrida pelas mulheres brancas vindas para o território brasileiro no período colonial, é importante salientar que:

A mulher branca, que não tinha quase ou nenhuma autoridade nesse sistema social e, em específico, diante do homem branco (pai ou marido), exercia como função administrativa no lar, o controle dos escravos, reproduzindo assim o poder masculino. (PINTO, 2010, p. 226).

Mas, enquanto as mulheres brancas lutavam pela desconstrução dos ideais patriarcais e pelo direito de trabalhar e tomar decisões sobre seus corpos e vida, não estavam isentas de oprimir e subalternizar as mulheres negras.

Para Del Priore (2013), mulheres negras no período colonial eram desumanizadas e preteridas ao mesmo tempo, a aversão pelo sexo feminino na sociedade colonial as categorizava como um “corpo fácil”, portanto, alvo natural de investidas de cunho sexual praticadas pelos senhores de engenho. Dessa forma, segundo a autora, surgiu o dito popular: “branca para casar, mulata para foder e negra para trabalhar” (DEL PRIORE, 2013, p. 36).

A partir desse prisma, entende-se como a identidade da mulher negra foi desrespeitada e marginalizada. Entretanto, de acordo com Marcelo Paixão e Flávio Gomes (2008), estas mulheres resistiram:

Elaborando formas de enfrentamentos, contrariando a ideia de que aceitavam a dominação com passividade. Uma das bases de poder verifica-se na luta pela manutenção da família negra. Agiam na proteção da integridade física e psicológica de seus filhos e companheiros, assim como de toda a comunidade da qual faziam parte. Na tentativa de impedir que filhos e esposos fossem vendidos separadamente, recusavam-se a trabalhar e ameaçavam os senhores com os suicídios e infanticídio. Fazendeiros temiam especialmente envenenamentos que poderiam ser praticados por mucamas. Num mundo cercado de opressão, construíram ambientes de autoestima e

se tornavam decisivas, por exemplo, para possibilitar fugas ou obter informações a respeito de vendas e transferências indesejáveis (PAIXÃO; GOMES, 2008, p. 951).

Em 1888, ocorreu a abolição da escravidão. Como objetivo, a lei proposta – Lei Áurea⁸ – garantiria, diante da sanção de dois artigos assinados pela Princesa Isabel durante a sua terceira regência, a extinção do período escravocrata e a revogação de disposições que se fizessem contrárias. Porém, nenhuma destas leis garantia uma vida digna para aqueles que foram expostos à degradação humana por quase quatro séculos. Desse modo, escravizados e libertos eram denominados *negros e pretos*⁹ diante de uma perspectiva racial de categorização estigmatizante dentro de novas hierarquias sociais do século XX.

Assim, sob a ótica da “liberdade”, a atenção com o futuro das negras e negros após o exercício da lei era negligenciada. Por outro lado, havia uma grande preocupação para o apagamento, ou a tentativa, da memória e história da escravidão no passado do Brasil.

Paixão e Gomes (2010) apontam:

Por um lado, era preciso fazer vistas grossas às promessas, não cumpridas, de indenização pelos escravos libertos feitas aos fazendeiros. Por outro, era necessário colocar panos quentes nas expectativas de acesso à terra nutridas pelos libertos (PAIXÃO; GOMES, 2010, p. 51).

Todavia, Gomes et al. (2018) relata que houve um esforço para construir uma memória seletiva de todo processo emancipatório, o que colocou em segundo plano “as batalhas pela abolição travadas por escravizados e romantizou a Lei Áurea, como se fosse uma dádiva concedida pela princesa Isabel, na tentativa de enfraquecer as consequências reparatórias pós-abolição” (GOMES; CARNEIRO; MADEIRA, 2018, p.6).

As autoras evidenciam que, no período escravocrata, era permitida a presença da mulher negra na casa das elites brancas trabalhando para os senhores de engenho e sinhás, nos espaços urbanos e rurais. Tratadas como mercadorias, eram sinônimo de status para quem as possuía. Ratificando esse entendimento, Pinto (2010 *apud* GOMES; CARNEIRO; MADEIRA, 2018) revela que na segunda metade do século XIX, essa condição passou a ser vista como descrédito e desonra para a elite dominante da época, pois afirmavam que as mulheres negras não eram honestas e muito menos honradas.

É salutar a afirmação de Gomes et al. (2018), ao considerar que as mulheres negras:

Saíram da escravidão com a imagem de mulheres desonestas, de corpos violáveis, mas, ainda assim, responsabilizadas pelos cuidados com os filhos das/os outras/os,

⁸ Vide (BRASIL, 1888, p.1).

⁹ Grifo nosso.

não dos seus. A mãe preta, a ama de leite que deveria permanecer escondida nas cozinhas. A lei Áurea não revogou os estigmas desenhados na cor e no sexo das mulheres negras. Entrelaçados de forma indissociável em uma complexa trama estão seus pertencimentos de raça, gênero e classe. Tais elementos mediam em diferentes espaços de socialização, a vivência, em maior ou menor medida, de violências físicas e simbólicas que afetam sua construção identitária no que se refere às percepções de si e de seu lugar na sociedade. (GOMES et al., 2018, p.6-7).

No entanto, os estudos feministas no Brasil, apesar de recentes, partem de um panorama onde, em primeiro lugar, promove a organização do *Movimento de Mulheres Negras*,¹⁰ reivindicando reconhecimento, visibilidade, autonomia frente aos espaços sociais, educacionais, da política, da justiça e da trajetória acadêmica (BAIRROS, 1995; PACHECO, 2013; RIBEIRO, 1995).

O segundo aspecto permite observar que as reflexões apontadas pelas mulheres no interior do Movimento de Mulheres Negras, a exemplo de Lélia Gonzalez, deram início a uma trajetória de militância em meados da década de 1970. Uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado (MNU) em 1978, Gonzalez ao mesmo tempo guiou-se na trajetória intelectual, tornando-se referência para outras mulheres negras. Lutou veementemente contra as opressões de classe, raça e gênero e defendeu que as questões raciais no Brasil perpassam a compreensão da inserção histórica das (dos) negras (os) na formação da sociedade brasileira, bem como, sua transformação individual em busca da afirmação da identidade.

Desse modo, Gonzalez (1985) aponta que:

Todas nós [mulheres negras, sem jamais termos nos distanciado do movimento negro, continuamos a discutir as nossas questões específicas junto aos nossos companheiros, que muitas vezes nos tentavam excluir dos níveis de decisões, delegando tarefas mais “femininas”. Desnecessário dizer que o MN não deixava (e nem deixou ainda) de reproduzir práticas originárias mistas, sobretudo no que diz respeito ao sexismo (GONZALEZ. 1985, p.100).

Isto posto, ao estudar os conceitos e teorias a partir dessa vertente, observa-se que os grupos de mulheres negras foram criados como forma de dialogar entre si, entre os pares e com a sociedade. Os grupos de mulheres negras foram criados a partir da necessidade de aproximar as comunidades, as bases populares, as demandas específicas das mulheres negras, desmascarando a violência propagada pelo machismo, o sexismo e o racismo.

¹⁰Trata-se de um movimento que visa demonstrar as possibilidades de emergências do protagonismo de mulheres negras dentro de uma sociedade capitalista e patriarcal. Uma situação em que os sujeitos coletivos construídos em subordinação por uma série de discursos são, ao mesmo tempo, interpelados enquanto iguais por outros tantos discursos.

Em vista disso, os estudos feministas formularam críticas frente às naturalizações enraizadas na sociedade, sobretudo com relação à concepção de patriarcado enquanto forma de dominação masculina. Nesse patamar, as décadas de 1960 e 1970 do século XX, no Brasil, emergiram novos conceitos e teorias dentro da perspectiva do feminismo. Novas vozes ecoaram fazendo críticas à categoria mulher negra no sentido de interpretar as várias opressões e discursos hegemônicos engessados para caracterizar e *normalizar*¹¹ o biótipo ideal de cidadão (branco, heterossexual, cristão, de classe média alta).

A utilização da expressão “Enegrecer o feminismo”, postulada por Carneiro (2003), em seu artigo *Mulheres em movimento*, evidencia as dificuldades teórica, analítica e prática das diferentes expressões do feminismo no Brasil, diante de uma pluralidade cultural abafada e negligenciada por um ideal de padrão diferente daquele vivido e sentido pelas mulheres negras:

Ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos. Essa condição faz com que esses sujeitos assumam, a partir do lugar em que estão inseridos, diversos olhares que desencadeiam processos particulares subjacentes na luta de cada grupo particular. Ou seja, grupos de mulheres indígenas e grupos de mulheres negras, por exemplo, possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas, exclusivamente, sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso (CARNEIRO, 2003, p. 119).

Diante do exposto, a categoria gênero adentra nos escritos de Carneiro (2003) no contexto das relações raciais, assim como nos estudos promovidos por Gonzalez (1985), como forma de entendimento mais amplo da dinâmica social e das próprias experiências pessoais, com foco qualitativo nas discussões sobre mulheres negras inseridas no movimento de mulheres e no movimento negro. Por essas razões, o feminismo negro é uma forma de romper com a proeminência soberana do poder, conforme pontua Santos (2016):

O feminismo negro se coloca como uma epistemologia potencialmente subversiva tanto no âmbito teórico como político. Primeiro, por afrontar a hegemonia da dominação masculina e a hegemonia da cultura branca exclusivista; segundo, por questionar a invisibilidade das mulheres negras não somente enquanto sujeitos de pesquisa, mas também como referências teóricas; e, terceiro, por reivindicar o empoderamento do grupo. [...] (SANTOS, 2016, p.17).

Dito isto, pode-se concluir que as críticas das feministas e das intelectuais brasileiras como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Luiza Bairros, possibilitou, nos últimos tempos, a realização de pesquisas sobre a situação social das mulheres negras no Brasil e sobre sua

¹¹ Elaborar normas, sujeitar a regras, padronizar.

resistência histórica, sua inserção cultural e seu posicionamento político, bem como os processos educacionais a que tiveram e têm acesso, as suas expressões sociais nas artes e na literatura, sua colaboração para preservar valores civilizatórios africanos na sociedade brasileira.

Para melhor entender como isso se manifesta por meio da linguagem escrita e, especificamente, por meio da literatura brasileira, na seção seguinte, serão apresentados os princípios da Linguística Cognitiva, em cotejo com o que alguns teóricos que discorrem sobre o estudo das metáforas e seus desdobramentos, reafirmando que por sua capacidade simbólica e importância, a linguagem verbal diferenciam o ser humano dos outros animais. (ABREU, 2010).

Diante desse pressuposto e vinculada à noção dos estudos feministas, a presença de mulheres negras nas universidades tem sido uma das expressões culturais do protagonismo das lutas e resistências no cenário nacional, baiano e, sobretudo itaparicano, que, de acordo com Werneck (2007), precisa ser publicizada.

3 LINGUÍSTICA COGNITIVA: CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DAS METÁFORAS

Ocasionalmente não é possível definir com exatidão quando começa e termina uma proposta teórica. A Linguística Cognitiva surgiu entre o final da década de 1970 e o início da década de 80, motivada pelos interesses de estudiosos acerca da investigação do fenômeno da significação (FERRARI, 2014; RIBEIRO, 2007; SILVA, 1997). Essa vertente teórica veio a se consolidar no cenário internacional nos anos 1980, ainda que não possuísse grande valorização. Entretanto, o termo desenvolveu-se, no meio intelectual, pela sua compatibilidade com os princípios básicos sobre a construção do significado, passando a obter, então, um prestígio no espaço acadêmico (FERRARI, 2014, p.13). Com a publicação de obras como a *International Cognitive Linguistics Association*, a revista *Cognitive Linguistics* (sob a orientação de Dirk Geeraerts) e da coletânea *Cognitive Linguistics Research*, editada por René Dirven e Ronald Langacker (GEERAERTS, 2006; RIBEIRO, 2007), a LC conseguiu ganhar espaço no cenário dos estudos linguísticos.

Os teóricos norte-americanos George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore, além do francês Gilles Fauconnier, linguistas que iniciaram os estudos a partir da perspectiva da Linguística Cognitiva, fazendo com que atuantes nesse campo de investigação utilizem, nos seus estudos recentes referentes à linguagem, os termos “cognitivo” e “cognitivista”. (MARTELOTTA; RIBEIRO, 2021, p.178, grifo dos autores). Foi inaugurada, assim, uma perspectiva de estudo da linguagem que dialoga estreitamente com outras ciências cognitivas, o que a torna interdisciplinar e incorpora questões epistemológicas e empíricas, contribuindo para o estudo da cognição humana. No campo específico da análise linguística, as diversas pesquisas empreendidas segundo essa orientação conceitual têm se voltado não apenas para a descrição teórica, como também para a investigação de fenômenos gramaticais e pragmáticos.

Conforme defendem Silva e Batoréo (2010):

Um dos princípios essenciais em Linguística Cognitiva diz que o significado é conceptualização. Um processo de conceptualização consiste em uma determinada perspectivação do conceptualizador relativamente a uma entidade ou situação. Quer isto dizer que a conceptualização envolvida no significado de uma expressão lexical ou gramatical não pode ser caracterizada somente em termos das propriedades do objecto de conceptualização, mas tem que necessariamente ter em conta o sujeito de conceptualização. (SILVA; BATORÉO, 2010, p.233).

A Linguística Cognitiva apresenta uma perspectiva não modular, em que princípios cognitivos gerais são compartilhados pela linguagem e outras capacidades cognitivas, o que pressupõe a interação do que é linguístico e do que é conceptual. Esse conceito está na base do paradigma do pensamento corporificado, de autoria de Lakoff e Johnson em 1980, por meio do qual se acredita que a natureza específica do corpo humano modela suas possibilidades de conceptualização e categorização, possibilitando que as pessoas categorizem (FERRARI, 2001) e, por conseguinte, signifiquem. Esse princípio consiste em considerar que a organização e a mente humana estão diretamente associadas à estrutura do corpo humano, bem como às restrições de percepção e de deslocamento no espaço. Para Geeraerts (2006) e outros teóricos da Linguística Cognitiva, os significados são construídos na linguagem a partir das experiências vivenciadas pelos indivíduos.

3.1 SEMÂNTICA COGNITIVA SÓCIO-HISTÓRICA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A investigação sobre os estudos acerca do significado tem sua origem na Antiguidade Clássica, quando muitos pensadores buscavam uma maneira plausível de explicar as relações entre o nome e a coisa nomeada. As primeiras reflexões sobre o significado, começaram a surgir no período greco-romano e a semântica se desenvolveu como ciência no século XIX, quando foi publicado o artigo *Essai de semântique: science des significations* (1897), do francês Michael Bréal.

Segundo Santana (2020), a semântica foi compreendida como ciência diante de um “contexto em que a abordagem do significado não era prioridade no âmbito dos estudos da linguagem, devido ao seu caráter abstrato” (SANTANA, 2020, p.58).

A Semântica, seguindo essa premissa, se estabelece como campo do saber científico que estuda os fenômenos da significação, em primeiro lugar, os fenômenos de natureza histórica, que abordam a compreensão de sua origem e seu desenvolvimento ao longo do tempo. Ainda que Bréal (1897) tenha construído uma importante fonte de dados para a história da semântica e tenha sido um dos principais percussores dos estudos semântico-lexicais sob a ótica histórica, psicológica e hermenêutica e antecipando questões e princípios relativos à investigação do significado das palavras, os pesquisadores que o sucederam seguiram outros caminhos traçando novas formas de pensar o estudo da significação.

Ainda, de acordo com o argumento de Santos (2015), esse período pode ser descrito conforme as seguintes colocações:

a) orientação diacrônica ou histórica para análise do significado, por influência da Linguística Histórica e do método histórico comparativo, com foco não apenas no estudo da mudança semântica, mas, sobretudo, nos mecanismos propulsores desse tipo de mudança; b) concepção psicológica de significado, pois tanto os significados lexicais deveriam ser considerados entidades psicológicas e estar atrelados ao pensamento e às ideias, como as mudanças semânticas resultariam de processos psicológicos, e c) caráter hermenêutico do estudo do significado, uma vez que se defendia a possibilidade de interpretar os significados de modo subjetivo, levando em consideração as experiências e o conhecimento de mundo do sujeito interpretante (SANTOS, 2015, p.14).

De acordo com Santana (2020), o período de efervescência dos estudos da significação

“pode ser considerado como aquele, em que ocorreu uma das primeiras manifestações da semântica de cunho verdadeiramente linguístico, diferentemente do que havia sido feito até aquela época” (SANTANA, 2020, p.59).

O Estruturalismo teve seu desenvolvimento no início do século XX, sendo explorado com as ideias de Ferdinand Saussure. O modelo semântico de estudos históricos pré-estruturalista foi colocado em segundo plano, sendo interrompido, pois o objetivo dos estudos com foco na abordagem estruturalista foi a estrutura semântica da língua e não os estudos acerca das mudanças sobre as unidades lexicais, apesar de algumas raras exceções.

Nesse sentido, a prioridade do estudo estruturalista era investigar qualquer nível linguístico sem levar em consideração a dimensão temporal, e, assim, os estudos sincrônicos se fortalecem em detrimento dos diacrônicos (SANTANA, 2020, p. 59). Ainda de acordo com a pesquisadora,

“ao considerar o aspecto sincrônico, os semanticistas se separam da semântica do século XIX e começam a desenvolver estudos sem a intervenção dos fatores externos ao próprio sistema linguístico, só retomados na década de 1960” (SANTANA, 2020, p. 59).

Logo, as principais características dessa nova abordagem, de acordo Geeraerts (1993 *apud* FERNÁNDEZ JAÉN, 2007), são:

a) Diferentemente da semântica anterior (que trabalha principalmente no domínio da palavra individual), a semântica estrutural estabelece o significado das palavras estudando sua oposição com o resto das palavras do sistema. b) Este modelo considera que a semântica é uma variável linguística autônoma e que, portanto, o significado linguístico não pode ser explicado a partir de postulados psicológicos. c) A semântica estrutural considera que, na medida em que estudar a mudança semântica pressupõe explicar a evolução do sistema através do qual as palavras têm sentido, não se pode fazer semântica histórica se não tiver estabelecido previamente a semântica sincrônica, assim sendo esta especialidade linguística perde o caráter com o qual havia nascido.” (GEERAERTS, 1993 *apud* FERNÁNDEZ JAÉN, 2007, p. 349, tradução nossa).

Para Santos (2015), a semântica numa perspectiva estruturalista limitava-se às relações internas ao sistema e ignorava o referente (a coisa à qual o significado e o significante se referem), à história, e, ainda, o mundo exterior e o modo como o indivíduo o percebia e conceptualizava o que estava ao seu redor. (SANTOS, 2015, p.15).

Vale destacar que:

esse estágio dos estudos semânticos permaneceu, nas primeiras décadas do século XX, mais especificamente nos anos de 1931 a 1963, e, nesse período, o Estruturalismo europeu foi predominante. A Semântica Estrutural teve como marco inicial o trabalho desenvolvido por Trier, que, em 1931, com base nas ideias saussureanas, desenvolveu a teoria dos campos léxicos. Outros representantes que se destacaram foram Porzig, Goodenough, Lounsbury, Lyons e Pottier (SANTANA, 2020, p.60).

Santana (2020) ainda destaca que o surgimento da Semântica Estrutural Histórica foi lento. Ela nasce na década de 1960, com a contribuição de Eugenio Coseriu em seu artigo *Pour une sémantique diachronique structural*. Nesse estudo, o autor dialoga sobre a mudança semântica e ainda explica o seu aparecimento, a manutenção, a modificação e o processo de apagamento das oposições léxicas distintivas ao longo da história de uma língua; entretanto, não é preciso levar em consideração, segundo o autor, os aspectos psicológicos e culturais, pois a língua é compreendida, nessa abordagem, como algo inerente e que possui uma lógica interna essencial para poder buscar a evolução do significado. (FERNÁNDEZ JAÉN, 2007).

No final da década de 1950, a teoria estruturalista passou a coexistir com a gerativista. Nesse novo paradigma, os estudos acerca da semântica foram desconsiderados, inicialmente, pois Noam Chomsky, seu fundador, aceitou apenas o módulo sintático nos estudos da linguagem, de maneira que, analisou o módulo sintático autônomo e independente da semântica.

Consoante Santana (2020), os estudos gerativistas foram ao encontro dos estudos do significado, ou seja, a tentativa de uma integração entre a Semântica e o Gerativismo, em favor de uma semântica interpretativa, foi postulada, em 1963, por Katz e Fodor e depois desenvolvida por Katz, em 1972, porém, não obteve êxito, conforme relata Santos (2015, p.15).

Seguindo essa premissa, a Semântica Cognitiva passou a ser compreendida como teoria relacionada à Linguística Cognitiva. Devido a isso, muitas vezes, não há distinção entre essas duas terminologias, conforme afirma Sperandio (2010). Porém, segundo Feltes (2007), o termo Linguística Cognitiva é utilizado para abranger todos os estudos abordados nesse campo, nesse sentido, a Semântica Cognitiva é considerada a área que investiga os sistemas conceituais, significados e inferências. Tem como pressuposto básico o princípio de que os conceitos são construídos por meio da mente corporificada e das experiências no mundo, uma vez que os significados resultam da corporificação e, portanto, das capacidades perceptuais e motoras do ser humano. Em outras palavras, as suas experiências sensório-motoras, emocionais, sociais e

as suas capacidades inatas atreladas à cognição contribuem para a produção de significado e estão na base da Semântica Cognitiva.

De acordo com Lakoff (1999, p. 62):

A palavra "cognição" é comumente utilizada para designar algo relacionado à mente ou à percepção que o ser humano possui face a sua interação com o mundo. Talvez se possa definir a cognição como a percepção do mundo real ou imaginário. A cognição humana está inextricavelmente ligada à experiência humana corpórea, social, cultural e histórica, assim a sua função é a de incorporar traços relativos produzidos pela mente humana, à cerca de algum objeto/imagem/coisa e descrevê-lo dentro de um campo de realidade ou metáforas estigmatizadas propositadamente pelo autor / interlocutor da ação. É importante ressaltar que não existe um depósito separado de conhecimento linguístico ou cultural, fora de qualquer propriedade cultural e linguística.

Em face disso, essa semântica também é denominada Semântica Cognitiva Experiencialista. Em outras palavras, a semântica apontada pelo autor se caracteriza como uma abordagem experiencialista, em oposição à abordagem objetivista – segundo o qual o mundo seria caracterizado a partir de um modelo teórico com as entidades e suas propriedades. Essas entidades seriam definidas a partir das propriedades comuns entre os membros e das relações estabelecidas entre elas. O conhecimento do real e o significado corporificado das experiências cotidianas são estruturados de acordo com essa teoria, e, dessa maneira, não se tem uma forma única e correta de descrever o que acontece.

Nessa perspectiva, os elementos teriam existência objetiva, pois seriam categorizados segundo as características que possuíam. A cognição seria, portanto, objetivista, e caberia à mente humana manipular símbolos abstratos para apreender significados produzidos por meio da correspondência direta entre as entidades e as categorias. Já o conceito, visto como representação mental das categorias e entidades do mundo, apresentava a limitação de não avaliar o lugar da mente humana nesse processo. Se os conceitos são usados para representar o conhecimento verdadeiro do mundo externo, eles devem excluir todas as coisas que estão fora das correspondências entre símbolos e coisas no mundo real, de acordo com Lakoff (1987, p.165).

Anteriormente, seguindo as propostas da semântica objetivista, acreditava-se que havia uma maneira de categorizar o real, que não pode ser afetada pela forma com que se compreende uma determinada situação, pois as expressões linguísticas obtêm significados, através da correspondência de conceitos identificados como símbolos do pensamento. Em oposição a essa abordagem objetivista, Lakoff (1987) propõe uma concepção empirista.

Posteriormente, Lakoff e Johnson (1999) verificaram que a atitude experiencialista consiste em uma forma de expandir o realismo interno. Para esses autores, o realismo

experiencial, ou experiencialismo, é uma versão do realismo interno, caracterizado por alguns princípios, como: descrição alternativa de significado, de verdade, de conhecimento, de objetividade e de razão; - uma teoria de modelos cognitivos que busca explicar fatos de categorização e semântica da linguagem natural; - uma descrição do relativismo que se opõe, de algum modo, ao relativismo total e tenha sentido para o conhecimento científico. Segundo os linguistas, a questão central do experiencialismo é o significado, isto é, como expressões e conceitos podem ser significativos. Sendo assim, os pressupostos objetivistas para as discussões do estudo acerca do significado são colocados da seguinte maneira:

As expressões linguísticas e os conceitos que elas expressam são estruturas simbólicas, destituídas de sentido em si mesmas, que obtêm significados por meio de correlações diretas, não mediadas, com as coisas e as categorias no mundo real (ou nos mundos possíveis).” (LAKOFF, 1987, p. 266).

Lakoff (1987) adverte que, a descrição de significado segundo essa perspectiva, não traz menção às entidades humanas, pois o significado não depende da natureza do pensamento e dos organismos comunicativos, tampouco da natureza da experiência. Desse modo, entender que o significado é independente da natureza e da experiência dos indivíduos é uma questão central da proposta objetivista, que contrasta com a visão experiencialista que caracteriza o problema do sentido em termos de corporificação e experenciação.

Seguindo o panorama proposto por Lakoff (1987), a estrutura conceitual se articula e é entendida pelo fato de haver estruturas pré-conceituais, entre as quais se destacam:

1- ESTRUTURA DE NÍVEL BÁSICO	2- ESTRUTURA DE IMAGEM-ESQUEMÁTICA
“As categorias nesse nível são definidas pela percepção <i>Gestalt</i> , pela capacidade de incorporar o movimento e a habilidade para formar ricas imagens mentais”.	“São esquemas de imagens, relativamente simples, que surgem constantemente em nossas experiências corporais diárias: <i>CONTÊINER, CAMINHO, FORÇAS</i> e <i>BALANÇAS</i> em várias orientações e relações: <i>CIMA-BAIXO, FRENTE-TRÁS, PARTE-TODO</i> e <i>CENTRO-PERIFERIA.</i> ”

Fonte: Adaptado de Sperandio (2010, p. 20).

Essas estruturas são significativas por serem experienciadas direta e repetidamente devido à natureza de corpo humano e do modo com que se atua no espaço. Para melhor

compreensão e articulação com o objeto deste estudo, discute-se, a seguir, sobre a noção de esquemas imagéticos, conteúdo importante para a realização da análise empreendida.

3.1.1 ESQUEMAS IMAGÉTICOS: LINGUAGEM CORPORIFICADA

Os Esquemas Imagéticos (Esquema-I) costumam ser definidos como versões esquemáticas de imagens, concebidas como representações de experiências corporais, tanto sensoriais quanto perceptuais, da interação do homem com o mundo. Indo contra a visão cartesiana, dentro dessa definição, mente e corpo não se sustentam dentro dos estudos modernos da neurociência.

Ratificando este ponto de vista, Gibbs e Colston (1995, *apud* Almeida et al., 2010, p. 21) entendem os esquemas imagéticos como Gestalt experienciais que surgem a partir da atividade sensório-motora, assim como se manipulam objetos, orienta-se espacial e temporalmente e se direciona o foco perceptual com diferentes propósitos. Dessa forma, os esquemas imagéticos são considerados “representações dinâmicas análogas de relações espaciais e movimento no espaço” (GIBBS; COLSTON, 2006, p. 30). A percepção da realidade é construída pelo formato do corpo, pela maneira como ele se movimenta, pelo jeito como os sentidos percebem a realidade à volta, pela forma como se interage com o mundo, seus seres e objetos.

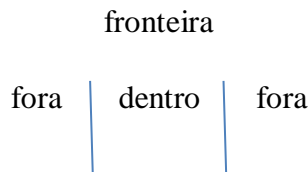
Para Velozo (2013), apesar de os esquemas imagéticos advirem de processos perceptuais e motores, não são processos sensório-motores. Pelo contrário, “tais esquemas são meios primários, imaginativos e não-proposicionais, pelos quais se constitui ou se organiza a experiência, e não meros receptáculos passivos, nos quais a experiência é depositada”, como defende Velozo (2013, p.77).

Os esquemas imagéticos articulam-se com as modalidades de percepção, promovendo a coordenação sensório-motora da experiência humana. É a partir do nosso corpo que criamos conceitos como frente, trás, esquerda, direita, alto e baixo. Lakoff e Johson (1980), refletindo sobre esses tipos de interação física CORPO X AMBIENTE, apresentaram um modelo que configura os *esquemas imagéticos*. Segundo eles, tais representações são visuais, auditivas, táteis e sinestésicas ao mesmo tempo. Esses padrões esquemáticos refletem domínios e servem para estruturar conceitos complexos, como CONTÊINER., PERCURSO e BLOQUEIO.

Para andar, o ser humano precisa se manter numa posição *ortostática*¹², desse modo, se configura o esquema de EQUILÍBRIO¹³ (BALANCE, em inglês). Quando está em movimento, tem-se o esquema de PERCURSO, composto por três elementos: ORIGEM, TRAJETO e META (SOURCE-PATH-GOAL, em inglês). Quando em percurso, o ser humano pode se encontrar com alguém ou com algo. Surge, então, o esquema CONTATO (CONTACT). O esquema de BLOQUEIO resulta da experiência do ser humano ao enfrentar obstáculos como uma porta fechada, por exemplo. Sendo assim, ele aplica a força do braço para abrir a porta configurando o esquema de FORÇA (FORCE), por meio do qual exerce controle sobre o obstáculo.

Outros esquemas também podem ser usados metaforicamente, como o Esquema DENTRO-FORA, que possibilita a construção de expressões como: “Ela não vai conseguir colocar isso na sua cabeça” e “Ela colocou todo o aborrecimento para fora”. No primeiro exemplo, *cabeça* é retratado como contêiner. No segundo, o corpo também é entendido como um contêiner, de onde sai o aborrecimento, compreendido metaforicamente como um fluido.

Segundo Abreu (2010), ao considerar o esquema CONTÊINER, observam-se três partes constituintes:



Fonte: Adaptado de Abreu (2010, p.31)

Na próxima seção, apresentam-se alguns aspectos da Teoria da Metáfora Conceptual e da Teoria dos Esquemas Imagéticos, cujos pressupostos fundamentam este trabalho.

3.2 TEORIA DA METÁFORA CONCEPTUAL

Estudos sobre as metáforas se tornaram crescentes ao longo dos últimos anos, especialmente no mundo ocidental. Uma das primeiras investigações sobre o papel da metáfora na linguagem surgiu a partir das reflexões elaboradas na Antiguidade Clássica pelo filósofo Aristóteles no século IV a.C. De acordo com os estudos aristotélicos, o processo de construção

¹²Significa a posição em que um indivíduo se encontra ereto, sobre seus pés, com os braços estendidos paralelos ao corpo.

¹³Segundo Abreu (2010), por um acordo, “os nomes dos esquemas de imagem são sempre transcritos em letras maiúsculas (ABREU, 2010, p.31).

da metáfora “[...] consiste no transportar para uma coisa o nome de outra [...]” (ARISTÓTELES, 1996, p.92). Nesse sentido, o estudo da metáfora, na tradição retórica, está vinculado à linguagem poética e formal.

Segundo a visão tradicional de metáfora, provavelmente compartilhada em grande parte pelo senso comum, o seu uso não seria nem tão frequente nem automático como os estudos mais atuais revelam: na visão popular, de tradição clássica, a metáfora funcionaria como um ornamento, que poderia ser utilizado e descartado, seguindo a vontade do próprio falante. Nessa perspectiva, a linguagem figurada era, e ainda é considerada como um recurso de manipulação própria do discurso retórico — prosa argumentativa com o objetivo de convencer — ou poético, para dar prazer, suavidade e beleza, mostrando ser literal a linguagem convencional do dia-dia e não metafórica (LAKOFF, 2006, p. 187).

Tratar a visão tradicional da metáfora perpassa pelos estudos do filósofo grego Aristóteles (sec. IV a.C.) que foi o primeiro a estudar o assunto mais sistematicamente, como alegam muitos autores. Segundo Leezenberg (2001), a noção de metáfora está presente em três obras de Aristóteles, a saber: Poética (em que aborda a linguagem da tragédia), Retórica (em que cita quatro tipos de metáforas e seu funcionamento) e Organon (em que discorre sobre ambiguidade e similitude). O termo metáfora, portanto, não poderia ter outra origem que não fosse grega: *metapherein* (transferência ou transporte). Etimologicamente, é formada por *meta*, que quer dizer ‘mudança’, e por *pherein* que significa ‘carregar’ (SARDINHA, 2007, p. 22). Portanto, é a transposição do nome de uma coisa para designar outra. (Arte Poética, III, IV, 7, p.182 apud SARDINHA, 2007, p. 20). Semelhante transferência está presente em “Essa mulher é uma cavalona”. Nesse caso, mesmo sem saber sobre quem se fala, deduz-se que se trate de uma mulher, cuja forma curvilínea, bem como sua força e robustez do seu corpo assemelham-se ao animal cavalo.

Diferentemente da maneira como a metáfora foi mais tarde concebida e perpetuada pela tradição clássica, Aristóteles demonstrava entender a sua utilização como um indício de genialidade, justamente por se conseguir, por meio dela, garantir a clareza ao argumento, não podendo ser considerada, portanto, como um desvio indesejável ou como um simples adorno substituível.

Para o filósofo, o entendimento da metáfora trazia em seu bojo um caráter cognitivo, por estar atrelado à possibilidade de expressar uma ideia nova, no dizer de Sardinha (2007, p. 20), ou conforme o próprio Aristóteles, à possibilidade de aproximar as noções abstratas do real. A metáfora seria a principal figura inserida em uma visão de retórica como arte da persuasão, arte do discurso eficaz de acordo com Fiorin (2014, p. 58). Assim, naturalmente, o

seu uso exigiria um trabalho mental para encontrar o ponto comum entre as entidades presentes, chancelando-a como uma importante ferramenta lógico-argumentativa, base da Retórica Aristotélica (VEREZA, 2012).

Possivelmente, a concepção da metáfora como uma figura descartável está vinculada ao fato de esta não ser aceita no âmbito da ciência que, segundo Ortony (1993), deve abordar seus objetos de estudo de forma precisa, sem dar margem à ambiguidade. Apesar de estudos posteriores apontarem para a presença da metáfora em todos os tipos de discurso, a visão tradicional exclui os tropos, de um modo geral, do discurso científico.

Nessa perspectiva, a metáfora é vista como um elemento linguístico, ou seja, um desvio da linguagem baseado no uso, e, portanto, utilizada quando não houvesse a intenção de se falar objetivamente. Esta visão tradicional tem contribuído para que a metáfora seja estudada apenas no plano da língua como figura de linguagem e não como mecanismo conceptual que surge da experiência humana e que representa a maneira como se pensa e se age.

Em seus estudos que foram mais evidentes a partir da década de 1980, Lakoff e Johnson (2002) trazem discussões sobre a metáfora a partir da perspectiva cognitiva. Após analisarem e discutirem sobre as diversas expressões linguísticas advindas do cotidiano, compreenderam que a metáfora é um mecanismo conceptual amplamente utilizado pelos seres humanos e que influencia seus pensamentos e suas ações. Lakoff e Johnson (2002) afirmam que a cognição humana é, em sua maior parte, metafórica, e apenas uma pequena parcela é literal: “Os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões do intelecto. [...] Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas.” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 45). Proposta por Littlemore (2015), o conceito *hiddenshortcut* (atalho escondido do pensamento) é argumentado por Simões (2020) que o considera a metáfora como “um fenômeno puramente estético da linguagem, mero recurso poético e retórico” (SIMÕES, 2020, p.37).

No entanto, Lakoff e Johnson (1980), ao proporem “*Metáforas da Vida Cotidiana*”, obra na qual toma-se a metáfora não apenas como um ornamento linguístico e sim como um dos elementos de base do sistema conceptual humano, além disso, são mapeamentos entre DOMÍNIO FONTE > DOMÍNIO ALVO. Traz-se de um domínio para o outro conhecimentos sobre o DOMÍNIO FONTE e todas as inferências que se apresentam nesse domínio para o DOMÍNIO ALVO. É de fundamental importância não confundir o mapeamento com o próprio, na perspectiva cognitivista, *mapeamento* é o conjunto de correspondências conceptuais que podem ser exemplificadas por TEMPO É DINHEIRO, apresentado por Lakoff e Johnson (2002), onde o DOMÍNIO-ALVO é (tempo), aquele que se pretende definir melhor e conhecer

sendo conceptualizado em termos de DOMÍNIO-FONTE (dinheiro), aquele que já é conhecido e experienciado.

Diante dessa afirmação, observa-se que a conceptualização se baseia na experiência, na subjetividade do indivíduo e é resultado das relações entre a mente, ambiente e vida social. Percebe-se que os fenômenos da significação, neste caso, não são aleatórios e estão presentes nos aspectos sócio-históricos-político-ideológicos-culturais. Sendo assim, possuem relevância para os estudos acerca das conceptualizações de mulheres negras itaparicanas identificadas nas novelas literárias de Xavier Marques, revelando como a sociedade itaparicana no início do século XX abordava as experiências de mulheres negras.

3.2.1 Categorização e Conceptualização

Na teoria clássica da categorização, havia o pressuposto de que as categorias eram constituídas por características necessárias e suficientes, ou seja, as coisas eram categorizadas a partir daquilo que possuíam em comum. Desde Aristóteles até um dos últimos trabalhos de Wittgenstein (1991), as categorias eram concebidas como recipientes dentro dos quais estariam as coisas e sua identidade organizacional no grupo era definida pelas características comuns, de modo que, nessa caracterização clássica, nenhum membro da categoria poderia possuir “*status*” especial, já que todos dividiam propriedades em comum.

Essa posição foi posta como inquestionável e considerada verdadeira, mas, a partir dos trabalhos desenvolvidos pela Psicologia Cognitiva, a categorização se tornou um campo mais amplo de estudo. O avanço ocorreu com os estudos desenvolvidos por Eleanor Rosch e seus parceiros de trabalho, ao proporem a “Teoria Prototípica” e as “Categorias de nível-básico”. Embora considere que a visão clássica de categorização não está equivocada, Lakoff (1987) argumenta que se deve considerar a complexidade da categorização.

Dessa forma, o desenvolvimento da “Teoria Prototípica” trouxe à tona a compreensão que a categorização se estende para além dos princípios propostos pela teoria clássica. Em sua discussão do problema do significado, Lakoff (1987) volta a tratar do conceito de categoria, originário dos trabalhos de Rosch (1978), propondo a distinção entre as fases I e II. Na fase I, considera-se que a distinção dos protótipos era feita basicamente por: “a) saliência perceptual; b) maior memorabilidade, ou seja, são apreendidos mais facilmente; e c) generalização feita através de um estímulo para outro que lhe fosse similar fisicamente” e, na fase II, os efeitos prototípicos são “responsáveis pela caracterização da estrutura interna da categoria. Assim, os melhores exemplos poderiam refletir a estrutura interna desta” (SPERANDIO, 2010, p.21). É

importante destacar que, nessa segunda fase, surgem duas questões fundamentais, trabalhadas por Lakoff (1987): os efeitos prototípicos caracterizam a estrutura da categoria como ela está representada na mente? os protótipos constituem representações mentais? Para a primeira questão, Lakoff (1987) afirma que os efeitos prototípicos eram vistos como espelhando diretamente a estrutura da categoria ou constituindo suas representações. Na segunda questão, o autor explica que a representação das categorias na mente ocorrer por meio de protótipos e os graus de representatividade ocorrem através das similaridades. Essas duas questões foram adotadas por muitos psicólogos que aceitaram o modelo de processamento de informação da mente, o qual postula que: - os conceitos são representações internas da realidade externa, e - muitos, senão todos, os processos cognitivos são algoritmos por natureza (SPERANDIO, 2010, p.21-22).

Ao final dos anos 1970, Rosch desenvolveu uma terceira fase, em que afirma não ser possível considerar as fontes dos efeitos prototípicos através desses efeitos. É essa última postulação que Lakoff (1987) utiliza como justificativa para a constituição de seu modelo teórico. Desse modo, pode-se associar a Teoria Prototípica à Teoria dos Modelos Cognitivos desenvolvida por Lakoff (1987), que observa a teoria da categorização como:

Método de esboçar o conjunto de fontes para os efeitos prototípicos superficiais. A postulação básica é que os efeitos prototípicos resultam da natureza dos modelos cognitivos, os quais podem ser vistos como ‘teorias’ acerca de algum tema” (LAKOFF, 1987, p. 45).

Para Lakoff e Johnson (1999), a categorização não é resultado do raciocínio consciente, pois o modo como o ser humano categoriza deriva da natureza da interação do seu corpo e do seu cérebro com o mundo no qual está inserido, pois a questão crucial da categorização é o fato de ser uma consequência da condição biológica dos seres vivos. Seguindo essa premissa, Lakoff e Johnson (1999 *apud* SPERANDIO, 2010, p. 22), afirmam uma mínima porcentagem de categorias é constituída por atos conscientes de categorização, mas grande parte é formada inconsciente e automaticamente como das experiências corpóreas e conhecimento de mundo. De acordo com esse pensamento, observa-se que não há nada mais básico do que a categorização do pensamento, percepção, ação e fala humana e a compreensão do ato de categorizar é central para qualquer entendimento do modo como se pensa e se age e do que faz os humanos serem humanos.

Para Sperandio (2010), as categorias de coisas existentes no mundo determinam o que se toma como real: pessoas, vegetais, pedras, animais, construções, entre outras coisas. Os conceitos determinam como se raciocina sobre as categorias. Para funcionar- realisticamente

no mundo, as categorias e formas de raciocínio devem trabalhar muito bem juntas; os conceitos devem caracterizar a estrutura das categorias suficientemente bem para que possam funcionar. A categorização é uma capacidade inerente a todos os seres vivos e fundamental para os seres humanos. É através da categorização que o mundo se organize, conceptualmente, em termos de classe.

Essa visão se articula com a de Almeida (2018a), que define a categorização como:

Um processo mental realizado, quase sempre de forma automática e inconsciente, pela espécie humana, em suas diferentes interações cotidianas, para organizar, em classes, tudo aquilo que experiencia, de modo a criar, a partir da junção de entidades, uma nova organização e um novo conhecimento. (ALMEIDA, 2018a, p. 271).

Lakoff (1987) argumenta que categorizar é uma capacidade fundamental para o pensamento humano, visto que:

Sem a habilidade de categorizar, nós não poderíamos funcionar, seja em um mundo físico, seja em nossas vidas sociais e intelectuais. O entendimento de como categorizamos é central para a compreensão de como nós pensamos e como nós funcionamos, e, portanto, central para um entendimento do que nos torna humanos. (LAKOFF, 1987, p. 6, tradução nossa).

O autor destaca também, que as pessoas categorizam coisas que veem no mundo, como pessoas, animais, objetos físicos e, também, entidades abstratas, incluindo eventos, ações, emoções, relações espaciais, relações sociais, governos, doenças, entre outras. Desse modo, o ser humano está sempre categorizando algo como pertencente a uma ou outra classe.

Sobre categorizar, argumenta Almeida (2008a), “ocorre, na e pela linguagem, um processo de inclusão e de exclusão, por meio da identificação de semelhanças e, também, de diferenças percebidas” (ALMEIDA, 2018a, p. 271). Logo, conforme pontua Almeida (2018a):

Quando olhamos para um cachorro e o entendemos como um animal, estamos categorizando; categorizamos, da mesma forma, quando delimitamos os alimentos como orgânicos ou não orgânicos; quando, diante de uma pessoa, a consideramos feia ou bonita e, ainda, quando andamos, numa rua escura, a sós e de noite, e a percebemos como perigosa ou quando caminhamos por essa rua com amigos, à noite, indo a um lugar já conhecido, e a categorizamos como segura (ALMEIDA, 2018a, p. 271).

A partir desse último exemplo, a autora argumenta que, ao categorizar, além de organizar, o ser humano, também, reorganiza on-line o mundo em categorias. As categorias resultam da ação de categorizar e esse processo é orientado por nossas características corpóreas e pelas nossas experiências socioculturais.

Desse modo, a categorização é uma atividade produzida a partir da interação dos seres vivos com outros seres vivos e destes com o mundo em que vivem. Se não há essa interação, não há o que categorizar (DUQUE; COSTA, 2012). Isto posto, cabe ressaltar que as categorias não se acham pré-estabelecidas no mundo, prontas para serem compreendidas, elas são construídas a partir da vivência entre os indivíduos nos contextos do cotidiano, isso porque “a categorização não pode ser tomada como produto de nosso raciocínio consciente, mas como resultante de nossa interação com o meio ambiente com base em nossos corpos e nossas mentes”. (DUQUE; COSTA, 2012, p. 21). Por conta disso que as pessoas categorizam as mesmas coisas de formas diferentes, pois sistemas conceituais de categorias não existem objetivamente no mundo, eles estão arraigados nas experiências pessoais e coletivas. Desse modo, as categorias podem variar de cultura para cultura, de indivíduo para indivíduo de uma mesma cultura e até mesmo em um mesmo indivíduo em contextos geo-sócio-histórico-culturais distintos. Com a publicação de importantes estudos sobre a metáfora, firma-se, também em 1980, a LC, uma ampla e diversa área de estudo que busca compreender como a linguagem está estruturada pela cognição.

Como argumenta Ferrari (2011, p. 14), a LC postula que “a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição”, ou seja, atribuem-se significados às coisas do mundo e isso se deve à capacidade de conceptualizar a partir de experiências corporais e culturais. Como explica Santos (2015), significar, é essencialmente conceptualizar, ou seja, é um processo que envolve aspectos sócio-histórico-culturais e experienciais, sendo, assim, dinâmico, flexível, subjetivo, hermenêutico. Sob essa perspectiva, a conceptualização é um fenômeno cognitivo que requer tanto a experiência com o corpo quanto com o mundo, levando em conta questões culturais.

3.3 TEORIA DOS MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS

O Modelo Cognitivo Idealizado é um conceito formulado por Lakoff (1987) para explicar a organização conceptual, ou seja, como se categoriza o mundo. Segundo o referido autor, “organizamos nosso conhecimento por meio de estruturas chamadas modelos cognitivos idealizados, ou MCIs, e as estruturas categoriais assim como os efeitos prototípicos são subprodutos dessa organização” (LAKOFF, 1987, p. 68, tradução nossa). Cienki (2007, p. 176, tradução nossa) ratifica esse conceito e acrescenta que “os MCIs são propostos como forma de organizar o conhecimento, não como um reflexo direto de um estado de coisas objetivas no mundo, mas de acordo com certos princípios de estruturação cognitiva”. Os MCIs são

idealizados, porque são determinados por necessidades, propósitos, valores e crenças, não sendo necessária uma ligação direta com o mundo, uma vez que são resultados da interação do aparato cognitivo humano, corporificado e a realidade, via experiência. Além disso, diferentes modelos podem ser construídos para o entendimento de uma mesma situação, podendo ser, inclusive, contraditórios entre si.

Conforme Silva (1997), o modelo cognitivo é “um conhecimento individualmente idealizado [...] e interindividualmente partilhado pelos membros de um grupo social” (SILVA, 1997, p.77), entendido, portanto, como modelo cultural. É nesses contextos dos modelos cognitivos e culturais, que segundo o autor, as categorias linguísticas podem ser devidamente caracterizadas. Isso porque a cognição está ligada à experiência corpórea, social, cultural e, também, histórica. Um exemplo clássico, usado por Lakoff (1987), que ajuda a ilustrar o conceito de MCI, é o exemplo de ‘terça-feira’. Segundo o autor, a palavra ‘terça-feira’ só pode ser definida dentro de um Modelo Idealizado de semana com sete dias, onde cada parte que a compõe é chamada de dia, e a terceira parte é ‘terça-feira’. Desse modo, a semana de sete dias não existe objetivamente no mundo, pois nem todas as culturas possuem semanas de sete dias. Ela é uma criação do ser humano, um modelo cognitivo idealizado pela cultura ocidental.

Na verdade, nem todas as culturas possuem os mesmos tipos de semanas; a cultura Balinês, por exemplo, requer um MCI complexo que sobrepõe três estruturas de semana: uma de cinco dias, uma de seis dias, e uma de sete dias. Ainda, de acordo com Lakoff (1987), cada MCI é uma estrutura complexa que utiliza quatro tipos de princípios estruturantes: estrutura proposicional; estrutura de imagem esquemática; mapeamento metafórico; e mapeamento metonímico. Portanto, os MCIs são estruturas de conhecimento distribuídas na nossa mente de forma organizada, construídas socioculturalmente, a partir da nossa interação com o mundo e que permitem que criemos categorias de modo que possamos estabelecer relações entre elas.

Para Feltes (2007), os MCI’s são produzidos a partir da correlação dos elementos linguísticos com os elementos conceituais do MCI. Através do quadro abaixo é possível observar como os MCI’s se estruturam:

MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS (TIPOLOGIA BÁSICA)	
CONCEITUAIS	LINGUÍSTICOS-CONCEITUAIS
Esquemas de Imagem	Metonímicos
CONTAINER	ESTEREÓTIPOS SOCIAIS
PARTE-TODO	EXEMPLOS TÍPICOS

<p>CENTRO-PERIFERIA PARA CIMA-PARA BAIXO FRENTE-TRÁS ORIGEM-PERCURSO-META LIGAÇÃO FORÇA EQUILÍBRIO, ETC.</p>	<p>IDEAIS PADRÕES GERADORES SUBMODELOS EXEMPLOS SALIENTES</p>
<p>Proposicionais PROPOSIÇÃO SIMPLES FRAMES E SCRIPTS FEIXE DE TRAÇOS TAXONOMIA CATEGORIA RADIAL</p>	<p>Metafóricos ORIENTACIONAIS ONTOLÓGICAS ESTRUTURAIS</p>
<p>-----</p>	<p>Simbólico ITENS LEXICAIS CATEGORIAS GRAMATICAIIS CONSTRUÇÕES GRAMATICAIIS</p>

Fonte: Adaptado de Feltes (2007, p.170)

Os modelos proposicionais e os esquemas-I se caracterizam a partir das estruturas básicas que se sustentam nos domínios concretos da experiência. Já os metonímicos e metafóricos se definem como mapeamentos que fazem uso dos modelos estruturais. A partir desses princípios, Lakoff (1987) apresenta cinco tipos básicos de modelos cognitivos, conforme ratificado acima por Feltes (2007), que contribuem para a estruturação de nossas experiências físicas, tanto no plano conceitual, quanto no linguístico. São os seguintes:

Modelo metafórico: **possibilita mapeamentos entre DOMÍNIO FONTE X DOMÍNIO**

ALVO;

2. Modelo metonímico: mapeia relações entre elementos de um mesmo domínio;

3. Modelo de esquema de imagem: estrutura os MCIs;

4. Modelo proposicional: especifica propriedades e relações entre domínios;

5. Modelo simbólico: associado a elementos conceituais em um modelo cognitivo.

Esses MCIs não são estruturas rígidas; eles são estáveis, pois podem ser modificados, adicionando, retirando e reorganizando informações, conforme as experiências que são organizadas na memória. Eles, também, não são estruturas cognitivas isoladas; eles se interrelacionam, se combinam e interagem, quando a linguagem é processada. Os MCIs acomodam vários domínios do conhecimento humano, práticos e teóricos; além disso, sustentam uma semântica conceitual que se fundamenta na capacidade de formular conceitos.

Ainda, segundo Lakoff (1987), os MCIs não são representações internas da realidade externa, pois são construídos, muitas vezes, com o auxílio de mecanismos imaginativos da cognição, compreendidos através da corporalidade, como a metáfora e a metonímia. A seguir, apresentamos uma breve discussão sobre os modelos metafórico, de esquema-I e proposicional, com o objetivo de estudar as conceptualizações da mulher itaparicana.

4 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Nesta seção, traz-se com brevidade, os caminhos metodológicos que a pesquisa na perspectiva da Linguística Cognitiva tem direcionado, a partir da abordagem de alguns estudiosos que vêm discutindo o tema, a exemplo de Lakoff e Johson (2002[1980]), em sua obra intitulada *Metáforas da Vida Cotidiana*.

Santana (2019) argumenta que “uma das principais tarefas do pesquisador é explicar, em detalhes, os princípios metodológicos e os métodos que serão utilizados para elaboração de uma pesquisa.” (SANTANA, 2019, p.66). Além de não ser tarefa fácil, a escolha e seleção do *corpus* pode ser permeada por incertezas. Ainda dentro dessa concepção, Santana (2019) enfatiza que “no campo da LC, essa tarefa é, também, difícil de executar, tendo em vista ser essa área heterogênea e multifacetada.” (SANTANA, 2019, p.67).

Sendo assim, aqui será apresentado o passo a passo adotado para análise dos excertos do *corpus* estudado. A primeira etapa se realizou com escolha de textos que trouxessem informações sobre o cotidiano da mulher negra itaparicana no início do século XX; tendo em vista isso, foi selecionada a obra *Praieiros*, escrita em 1936 por Xavier Marques, que contém as narrativas *Maria Rosa* e *O Arpoador*, respectivamente, buscando atender aos objetivos deste trabalho de pesquisa. Após essa fase, foi iniciada a leitura dinâmica e atenta das referidas novelas literárias, considerando que foram escritas no início do século XX, por um homem branco de classe média alta, itaparicano, escritor, jornalista e político. Em seguida, definiu-se que nem todo material disponibilizado pelo *corpus* seria utilizado neste trabalho, sendo excluídos os trechos que não tratavam da mulher negra. Dessa forma, a novela literária intitulada *A Noiva do Golfinho* não foi analisada, pois, de acordo com elementos da narrativa, a personagem principal era considerada uma mulher branca. Para trazer os trechos da referida novela, seria necessário entrar em outros pontos de discussão que não estão presentes nos objetivos desta pesquisa.

As reflexões propostas nas discussões apresentadas são frutos de um levantamento bibliográfico, documental e enciclopédico, revelando como as metáforas permeiam o sistema conceptual do ser humano, tanto que “por meio de exemplos [o homem], dá algumas indicações do papel considerável da metáfora na maneira como agimos, falamos, vivemos (LAKOFF; JOHSON, 2002[1980], p.205). Portanto, estudar essas conceptualizações possibilita conhecer como o autor Xavier Marques significava a mulher negra, no século XX, e, por extensão, como possivelmente a sociedade baiana, e mais especificamente a itaparicana, contribuiu ou não para o processo de seu desenvolvimento identitário.

4.1 O GÊNERO NOVELA E A CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS DA PESQUISA

Pesquisadores que pretendem analisar um *corpus* constituído por novelas devem estar atentos e considerar que este não é um gênero facilmente definido. Portanto, nesta seção, são discutidas de maneira breve o que alguns estudiosos argumentam ao tentarem definir as características do gênero novela.

Sendo um assunto pouco abordado pelos teóricos da literatura, na maioria das vezes, conforme pontua Oliveira (2010), as divergências ficam definidas quando comparado ao romance e ao conto. Entretanto os manuais que buscam trazer a perspectiva de surgimento, definições e exemplificações da novela o trazem de uma forma bastante resumida. Diante desse panorama, pode-se considerar que existe uma certa indiferença e a justificativa para este complexo problema estaria possivelmente ligada às incertezas acerca da etimologia da palavra *novela*¹⁴.

Então para além das definições que foram apresentadas, Oliveira (2020, p.138) define que “a novela seria uma espécie de protótipo a partir do qual os contos modernos teriam surgido”. Consoante a este pensamento, a autora Gotlib (1995) argumenta, com base nos estudos propostos por André Jolles (1997), que a novela então seria:

A ‘forma artística’, que poderia corresponder ao nosso atual conto literário. Porque a *novela* leva a marca do seu criador, é produto de uma personalidade em ação criadora, que tenta representar uma parcela peculiar da realidade, segundo seu ponto de vista único, compondo um universo fechado e coeso, sólido. (GOTLIB, 1995, p.19)

Para explicar melhor toda a hipótese acerca do gênero, o estudioso Massaud Moisés se dedicou a desvendar os caminhos dos estudos literários sobre gênero. Além de realizar pesquisas com foco na abordagem da novela, ele sistematizou conteúdos de forma a garantir uma abrangência acerca dos aspectos históricos, estruturais e conceituais desse gênero. Geralmente seus estudos tomam como base a maneira subjetiva, estética do texto, a questão da originalidade, a forma complexa da abordagem sobre o conhecimento de mundo estabelecida pelo gênero novela.

De acordo com Oliveira (2020), a forma com que Massaud Moisés teoriza a novela “oscila, assim, em sua análise entre dois pontos de vista: de um lado, busca os elementos constitutivos desse gênero; de outro, tece críticas severas quanto à sua excelência artística se o compararmos com o romance ou o conto” (OLIVEIRA, 2020, p.136). A partir dessa observação

¹⁴ Grifo nosso.

é possível perceber que mesmo trazendo críticas, na dedicação aos estudos da novela, o autor ainda não dispõe de argumentos que sustentem a credibilidade desse gênero.

É possível apreender que a obra *A criação literária: prosa 1*, proposta por Moisés (2006), traz análises da estrutura novelesca. Além disso, o autor aborda questões acerca da novidade e da presença do enovelamento no enredo, tornando-se, assim, peças fundamentais para a construção desse gênero. Ainda de acordo com o estabelecido por Moisés (2006):

O tempo da novela é histórico, assinalado pelo relógio ou pelo calendário, ou pelas convenções sociais. A narrativa flui num tempo horizontal, correspondente ao encadeamento de fatos numa linha sujeita a princípios de causa e efeito. O presente é a categoria dominante, em que pese às referências sumárias ao pretérito. Tudo se passa como se os dias, as semanas, os meses e os anos, de efêmera importância, significassem muito. O novelista inculca a ideia de que o tempo transcorrido de um episódio a outro encerra especial relevância. Mas trata-se de um expediente retórico para manter a ilusão do leitor, predisposto a comover-se ante as injunções do tempo sobre as personagens”. (MOISÉS, 2006, p.115)

Outros autores, podem ainda, definir o gênero pelo tamanho da obra. Nesse sentido, Oliveira (2020) argumenta que uma narrativa ficcional tem uma extensão média “maior que o conto, menor que um romance”, com um número de páginas podendo variar entre 100 e 200¹⁵ (OLIVEIRA, 2020, p. 142).

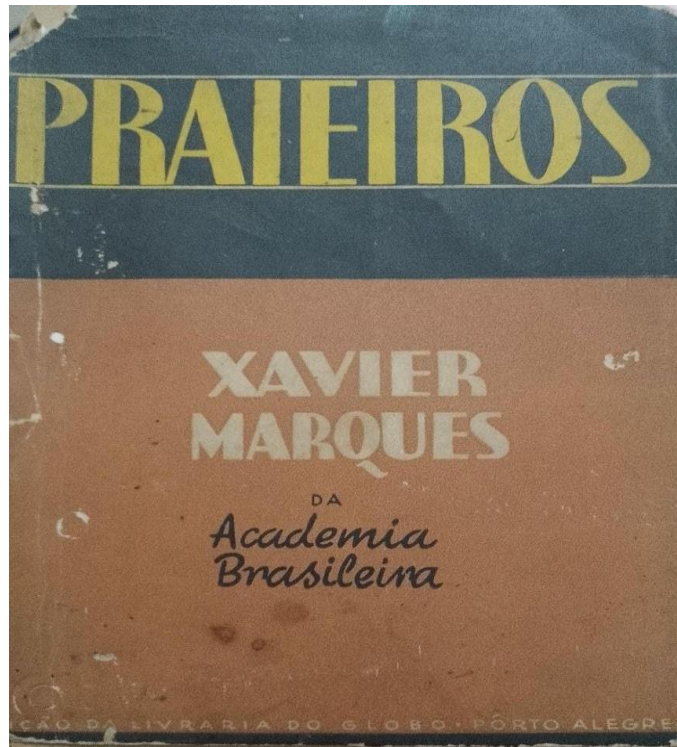
Ao considerar os estudos feitos por Eikhenbaum (1976) acerca dos critérios de classificação do gênero novela, encontra-se a discussão sobre as diferenças do gênero em comparação ao romance. A novela literária teria dimensões reduzidas, é baseada num erro, mistério, conflito; tende para uma conclusão, um final culminante. O romance literário, por sua vez, caracteriza-se justamente por conter grandes dimensões; diminuição da ação na narrativa; trabalho com episódios paralelos e o desfecho sem a resolução das intrigas, mas que continua com uma finalização; para o romance o final é atenuado e pode mesmo ser antecipado Eikhenbaum (1976 *apud* OLIVEIRA, 2020, p.142).

No que se refere ao *corpus* estudado nesta dissertação, a primeira edição do livro *Praieiros*, foi publicada em 1902¹⁶, contando com as novelas literárias *Jana e Joel*, *Maria Rosa*, *O Arpoador* e *A Noiva do Golfinho*. Sua segunda edição foi publicada anos mais tarde, em 1936, porém com a retirada da novela *Jana e Joel*, esta publicada em um único livro.

¹⁵ A obra *Praieiros* (1936), possui 133 páginas, sendo a novela *Maria Rosa* transcrita nas páginas 7 a 71 e a novela *O Arpoador* nas páginas 75 a 113.

¹⁶ Conforme consta na lista do acervo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

Figura 1: Capa do livro *Praieiros* (1936)



Fonte: elaborada pela autora.

Considerado por alguns pesquisadores como abolicionista, e por outros como racista, Francisco Xavier Ferreira Marques se insere na História da Bahia como um personagem ativo do ponto de vista da (re)construção das imagens socioculturais de seu contexto¹⁷, contudo, essa controvérsia sobre suas intencionalidades e afinidades sócio-políticas não aparecerão neste trabalho, o foco maior dessa dissertação é estudar as conceptualizações de mulheres negras que são personagens em sua obra.

Ainda que não seja desprezada a ideia da imersão do autor em seu contexto, conforme defendido por Borges (2010), considera-se que entender as obras literárias compreende a noção do entendimento de “como foi construído, a linguagem utilizada, a finalidade da edificação e as suas intencionalidades” (BORGES, 2010, p.94). O autor nasceu em um contexto de escravidão e alcança sua maior idade dentro dele. Xavier Marques também acompanha a mudança para um momento histórico não escravagista e também contempla o período de crescimento das discussões abolicionistas acompanhando os desenvolvimentos e impactos destes movimentos até a sua morte.

¹⁷ Século XIX e XX.

Suas obras foram produzidas e publicadas entre 1884 e 1944, abrangendo tanto um período escravagista quanto o pós-escravagista. Desta forma, o escritor se apresenta como um indivíduo altamente familiarizado com o contexto sócio-histórico-cultural da Ilha de Itaparica no início do século XX. Assim, busca-se explorar tais possibilidades que nos oferecem a fonte literária para melhor visualizarmos o passado das mulheres negras itaparicanas no recorte proposto.

Narrativas histórico-geográficas, ligadas ao tema da diversidade cultural da Ilha de Itaparica compõem o diverso campo literário baiano, fundamentalmente a partir da segunda metade do século passado. Inserida nesse contexto e seguindo essa tendência, a novela literária cumpria seu caráter de entreter e divertir o leitor que se interessava em consumir obras mais próximas de sua vida cotidiana. Naquele contexto, a burguesia também alcançava poder através de obras literárias e a novela como meio predileto para atingir os leitores, acabava por cumprir este propósito.

Nesse sentido, é importante salientar que a novela literária, produzida e consumida no período do estudo em questão, possuía uma estrutura “que girava em torno de situações dramáticas, centradas em personagens autônomas e aglutinadas por fatores geográficos” (MOISÉS, 2006, p.111).

Dentro dos argumentos apresentados, de acordo com Moisés (2006), é possível observar que essas novelas ofereciam entretenimento e diversão para o leitor/consumidor, cujo conteúdo era composto por narrativas que preenchiam os ócios da burguesia e sociedade dominante no início do século XX, período escolhido para a realização do estudo sobre o tema proposto nesta pesquisa.

O gênero textual foi escolhido inicialmente, pelo fato de Xavier Marques mencionar a mulher negra continuamente em sua obra. Uma vez que as novelas do referido autor se destinavam a narrar o cotidiano dos habitantes da cidade de Itaparica, as mulheres itaparicanas, eram sempre apresentadas como personagens das suas narrativas.

Quanto ao recorte temporal estabelecido, a intenção foi mantê-lo no início do século XX, pois foi o contexto da última edição da obra que foi escrita e publicada enquanto o autor Xavier Marques ainda estava vivo, em 1936. Portanto, todas as análises e discussões sobre as mulheres itaparicanas partem do olhar desse autor, da maneira como ele perspectivava as mulheres que habitavam Itaparica no início do século passado e que serviram de inspiração para as narrativas presentes na referida obra.

Nas análises apresentadas a seguir, identificam-se as conceptualizações metafóricas com o objetivo de delinear os elementos que constituem a construção ou não de estereótipos em torno da imagem da mulher negra itaparicana. Alguns elementos das relações étnico-raciais

forjados no decorrer do processo sócio-histórico brasileiro foram levantados, o que possibilita uma melhor compreensão do racismo estrutural e do sexismo para a edificação de um projeto de nação fundamentado na exploração e discriminação, que se traduzem em desvantagens e desigualdades sociais, destacando a realidade vivida pelas mulheres negras.

Para evidenciar as conceptualizações metafóricas da mulher negra itaparicana presentes nas novelas literárias *Maria Rosa* e *O Arpoador*, respectivamente, buscou-se fazer um levantamento dos trechos onde se observaram objetificações e animalizações voltadas para o gênero feminino, os quais estão transcritos e analisados na seção seguinte. Para proceder à análise, os trechos foram organizados destacando as expressões metafóricas que se articulam à metáfora conceptual geral SER HUMANO É ANIMAL, que acionam acarretamentos metafóricos a partir da visão de mundo do sujeito/conceptualizador/autor acerca das perspectivas de animais aquáticos, animais terrestres e animais aéreos. Também é importante destacar que, além das expressões metafóricas analisadas vinculadas à perspectiva do SER HUMANO É ANIMAL, foram encontrados elementos linguísticos que possibilitam a identificação de domínios de experiência que acionam a metáfora conceptual SER HUMANO É VEGETAL.

5 ESTUDO DAS CONCEPTUALIZAÇÕES

Nesta seção, são discutidos os resultados desta dissertação, uma vez que, nas novelas literárias apresentadas, foram encontradas algumas expressões metafóricas que evidenciam as concepções do sujeito/conceptualizador/autor em relação às mulheres negras itaparicanas. As metáforas encontradas foram organizadas em nove grupos de significação, a partir dos dois domínios identificados, a saber: Domínio Animal e Domínio Vegetal.

No Domínio Animal, identificam-se: **MULHER NEGRA ITAPARICANA É BORBOLETA**, **MULHER NEGRA ITAPARICANA É CABRITA**, **MULHER NEGRA ITAPARICANA É CACHORRA**, **MULHER NEGRA ITAPARICANA É SARACURA**, **MULHER NEGRA ITAPARICANA É TAINHA**, **MULHER NEGRA ITAPARICANA É PEIXE** e **MULHER NEGRA ITAPARICANA É RÃ**.

No Domínio Vegetal, tem-se: **MULHER NEGRA ITAPARICANA É FLOR DE SALSA DAS PRAIAS** e **MULHER NEGRA ITAPARICANA É FÔLHA DE PATIOBA**.

Em seguida, são apresentadas as metáforas conceptuais que mostram como os domínios-fonte – aqueles que tendem a ser mais concretos; aqueles que se conhece - mencionados foram projetados no domínio-alvo – aqueles que tendem a ser mais abstratos; aqueles que se quer conhecer-, **MULHER NEGRA ITAPARICANA**.

Vale destacar que é possível encontrar nos trechos destacados outras metáforas e outros esquemas imagéticos que estão conectados aos grupos de significação estudados. Entretanto, o foco está voltado àqueles que foram destacados com itálico e negrito, para fins de organização e melhor entendimento.

5.1 CONCEPTUALIZAÇÕES DA MULHER NEGRA ITAPARICANA NA NOVELA *MARIA ROSA* (1936)

Ambientada na Vila Nosso Senhor da Vera Cruz, a narrativa ficcional intitulada *Maria Rosa* se nutre colocando em destaque a natureza do vilarejo, e mostrando como sua geografia pode ser definida a partir da ótica praieira. É fundamental destacar as características do cenário da novela, pois as conceptualizações metafóricas presentes foram influenciadas pelo contexto em que as(os) personagens/conceptualizadoras(es) estão inseridas (os).

Sobre o contexto em que a novela se desenvolve, o sujeito/conceptualizador/autor descreve:

Em toda a sinuosa costa bordada de ilhotas verdes, coberta de mangues onde fazem

ninho aves aquáticas, culmina a vetusta igreja do Senhor da Vera Cruz, alcandorada em seu monte relvoso há mais de três séculos e meio. Uma légua distante, fica o maior arraial da redondeza, em terra baixa embebida por alagadiços e riachos salobros, com campinas de um arruamento de telheiros e palhoças; é uma pobre estância de pescadores, dêsse mais humildes que não podem subir ao banquete profuso do oceano e vivem, como mendigos, apanhando os sobejos que rolam pela ourela das suas toalhas (MARQUES, 1936, p.7).

Dentro desta noção encontram-se personagens que se dividem entre pescadores e marisqueiras que sobrevivem de todos os produtos que conseguem pescar no mar da contra costa da Ilha de Itaparica. Ainda de acordo com o autor, sobre esses homens e mulheres:

Vivem da pesca de xangó, peixe miúdo, verdadeiro rebotalho do mar. Para essa pesca tecem redes apropriadas, de malha pequena e fio delgado. Associam-se, compram canoas, levantam a cabaninha sem paredes para guardar a bateria da profissão (MARQUES, 1936, p.7).

Contudo, mesmo com todos os instrumentos para realizar as práticas de pesca, os pescadores e peixeiras daquela região não se arriscam nas aventuras do oceano que os rodeiam.

Dentro desse contexto praieiro, Maria Rosa, moça jovem, negra, cercada da vigilância de seus pais, é a personagem principal da novela literária e convive diariamente com o assédio que é praticado pelas personagens do gênero masculino. Ao longo da narrativa, ela se mostra incomodada e indignada com a realidade do machismo, sexismo e hierarquização social referentes aos trabalhos domésticos e laborais que eram destinados somente às mulheres que (re)existiam naquela localidade.

Ao se tomar como ponto de partida as conceptualizações metafóricas sobre as mulheres negras itaparicanas, identificam-se domínios de experiências que acionam significações e perspectivas, como afirma Souza (2018., p. 156), decorrentes da “consequência do racismo estrutural e institucional que limitam a inclusão da população negra nos espaços de poder e também do racismo epistêmico que silencia o conhecimento produzido em detrimento de um pensamento eurocêntrico”.

Para Sperandio (2010), com base no que afirmam Lakoff e Johnson (1980), a metáfora passa a fazer parte do cotidiano das pessoas não apenas na linguagem, mas também nas ações e no pensamento na medida “em que todo sistema conceitual ordinário, através do qual pensamos e agimos, passa a ser concebido como predominantemente metafórico por natureza” (SPERANDIO, 2010, p.30).

A novela literária *Maria Rosa* circulou na Ilha de Itaparica, despertando nos seus sujeitos/conceptualizadores/leitores as mais profundas reflexões, opiniões, bem como a reprodução de (re)conceptualizações no decorrer da história das mulheres negras no Brasil,

como se pode verificar nos excertos extraídos da obra referida e transcritos a seguir.

DOMÍNIO ANIMAL

MULHER NEGRA ITAPARICANA É BORBOLETA

Os trechos estudados revelam construções metafóricas que surgem a partir da escrita experiencial do sujeito/conceptualizador/autor. Desse modo, é importante ressaltar que, na tentativa de formular um entendimento quanto ao domínio-alvo, MULHER NEGRA ITAPARICANA, os escritos analisados revelam uma relação que Xavier Marques vivenciava no seu dia a dia, baseado essencialmente na sua percepção de mundo.

A partir dessa observação, é possível perceber que o trecho selecionado apresenta a metáfora conceptual SER HUMANO É ANIMAL, à qual está subjacente a metáfora MULHER NEGRA ITAPARICANA É BORBOLETA, na medida em que a mulher, nesse trecho, é comparada em termos de uma borboleta:

- (1) [...] Separando-se, Maria Rosa começou a *correr* pelo apicum¹⁸, por êsse campo cristalino que ela amava e que era o *cenário das suas peraltices e loucuras de borboleta*. (MARQUES, 1936, p.12, grifo nosso)

Ainda que as borboletas sejam consideradas animais que exercem importantes papéis no ecossistema e que, de acordo com Bravo et. al. (2016), embelezam o ambiente onde vivem, as borboletas também são sinônimos de loucura e sexualização. De acordo com estudos de Para Costa e Soares (2015), é importante destacar que, historicamente, foi assumido que a borboleta é considerada um símbolo de leveza e inconstância. “A simbologia da borboleta pode variar de lugar para lugar, de povo para povo, uma vez que sua representação está associada às diversas formas de vida, de culturas, religiões e crenças.” (COSTA; SOARES, 2015, p. 634). Ainda, segundo os autores, os antigos gregos converteram as borboletas numa simbologia que remete à alma na cultura Ocidental, colocando em destaque especialmente as de cor branca. Surge

¹⁸Delimitação entre a zona de transição do manguezal e a terra firme, comumente conhecida como apicum. Termo derivado da palavra *apecu*, originária da língua indígena Tupi e que significa língua de areia (SILVA, 1965; BUENO, 1983; CUNHA, 1999).

então a analogia da borboleta como uma “alma purificada pelos sofrimentos terrenos, pronta para gozar da felicidade [...]” (COSTA; SOARES, 2015, p.634).

Nos dicionários contemporâneos de língua portuguesa, a borboleta é definida como “inseto diurno com asas coloridas” (HOUAISS, 2011, p.133); além de “pessoa inconstante” (HOUAISS, 2011, p.133). A partir dessas duas definições, observa-se que surgem elementos que instanciam a metáfora conceptual HUMANO É ANIMAL.

No excerto (1), a expressão linguística “Maria Rosa começou a correr pelo apicum”, indica, com o uso do verbo ‘correr’ que o sujeito/conceptualizador/autor faz referência às ações de Maria Rosa, sendo acionados os esquemas dos RECIPIENTE, ORIGEM-PERCURSO-META e PARTE-TODO. Nesse caso, inferimos que o corpo de Maria Rosa seria o RECIPIENTE que contém características de borboleta, acionando, assim, a metáfora conceptual HUMANO É ANIMAL; então este animal percorre um caminho em direção ao “cenário das suas peraltices e loucuras”, instanciando o esquema ORIGEM-PERCURSO-META. O atributo PARTE do esquema PARTE-TODO é acionado, de modo que fica claro que o sujeito/conceptualizador/autor se refere a Maria Rosa como uma borboleta, um dos animais da imensa flora natural.

No trecho analisado, o acarretamento metafórico MULHER É BORBOLETA surge das perspetivações que o sujeito/conceptualizador/autor tinha em relação às mulheres que se comportavam de uma forma livre, dentro do contexto sócio-histórico e cognitivo da época. Além disso, é possível perceber que as mulheres negras vistas como livres, independentes e empoderadas no início do século XX, eram vistas muitas vezes como loucas.

Segundo Alves (2020), existe uma fantasia que foi projetada para as mulheres negras, desde o período colonial, na qual o olhar colonizador versa sobre:

A sanidade da mulher negra, nas instâncias da vida pública e privada — na sobreposição de ambas, na negação de ambas. Um corpo feminino negro [ainda] é lido como último pilar na escala social [e isto também não é mais uma novidade]; ainda é interpretado como objeto de uso, sexualizado, folclorizado, tido como desimportante, atrelado à servidão como um destino. (ALVES, 2020, p.59)

MULHER NEGRA ITAPARICANA É CABRITA

(2) [...] Tinha um tudo, sua comida, seu vestido novo, suas galanterias¹⁹, nada lhe faltava. Mas não, senhor, *fugiu...* O fogo *daquela cabrita!* (MARQUES, 1936, p. 39, grifo nosso).

No Houaiss (2011, p.147), o conceito de cabrita é definido como “cabra nova, menina moça”. Houaiss (2011), ao falar de cabra, traz conceitos aproximados de “fêmea do bode, mulher pouco recatada, devassa”. (HOUAISS, 2011, p.146).

Segundo Varandas (2006), o bode é, de acordo com uma significação simbólico-alegórica, um “animal associado ao diabo e ao pecado capital da luxúria” (VARANDAS, 2006, p.96). Ainda segundo a autora, que cita o livro XII das *Etymologiarum* de Isidoro de Sevilha, o bode é um animal “que melhor simboliza o vício da luxúria, entregando-se, sem pudor, aos prazeres da carne” (VARANDAS, 2006, p.96). Por conta dessa simbologia, o bode encarna características que estão sempre associadas a uma libido desenfreada. Uma mulher com comportamentos considerados devassos, libidinosos, dentro do contexto cognitivo-sócio-histórico em questão, passava a ser vista pelos outros como culpada, pecadora, desonrada e uma vergonha para a comunidade.

Na ocorrência (2), que foi escrita na primeira metade do século XX, a expressão “Mas não, senhor, fugiu... O fogo daquela cabrita”, aciona os esquemas RECIPIENTE, DENTRO-FORA e PARTE-TODO.

Pode-se dizer que ‘fogo’ é o conteúdo que ocupa o corpo de Maria Rosa, o qual é conceptualizado como o RECIPIENTE/CONTÊINER, acionando a metáfora conceptual HUMANO É ANIMAL e, por conseguinte, MULHER NEGRA ITAPARICANA É CABRITA. Nesse caso, também é acionado o esquema DENTRO-FORA, já que o fogo está dentro da personagem mulher. O esquema PARTE-TODO, por sua vez, é também ativado, pois a personagem Maria Rosa é conceptualizada como o animal ‘cabrita’, por possuir características comuns e específicas no mundo animal, como o cio, por exemplo, acionando o esquema PARTE- TODO.

Segundo Jesus (2021), uma das motivações para metáforas conceptuais “é a percepção de *semelhança* entre os dois domínios” (JESUS, 2021, p.131). Tendo como domínio-fonte o ANIMAL e o domínio-alvo HUMANO, Marques (1936), por meio do uso do item lexical ‘cabrita’, aciona o acarretamento metafórico MULHER É CABRA, trazendo à tona a forma

¹⁹ Elegância, graça, fineza, cortesia.

com que as mulheres negras eram percebidas no período da pós-escravização. Então, pode-se considerar que a projeção metafórica é MULHER É (PARCIALMENTE) CABRITA.

MULHER NEGRA ITAPARICANA É CACHORRA

(3) Senhora de vergonha era aquela... Nunca pensou que sua filha desse para *semelhante* **cachorragem**. Nunca, nunca, nunca... (MARQUES, 1936, p.42, grifo nosso).

Michaelis (2022) traz o conceito de cachorra como “cadela nova ou pequena, qualquer cadela, mulher de mau caráter; vil, mulher devassa, imoral e indecente” (MICHAELIS, 2022). Além dos sentidos pejorativos trazidos pelo dicionário supracitado, o Aulete (2022) e o Houaiss (2011) apresentam sentidos similares quando relacionados às mulheres: libertinagem, atrevimento, safadeza e comportamento indigno.

Nessa ocorrência (3), o trecho “Nunca pensou que sua filha desse para semelhante cachorragem” indica que a personagem Maria Rosa é conceptualizada como cachorra, pois ‘cachorragem’ expressa o comportamento da personagem.

Nota-se que o recorte é feito no domínio experiencial da sexualidade, visto que a significação desses itens advém das múltiplas possibilidades de perspectivas do que é ser *cachorra* no contexto cognitivo-sócio-histórico-cultural do Brasil no início do século XX.

Para Santos e Barreto (2018), ocorrências que trazem mulheres conceptualizadas como cachorra são acionadas quando “características humanas e não humanas se identificam, evidenciando o que chamamos de animalização” (SANTOS e BARRETO, 2018, p.775). Por essa noção, compreende-se metonimicamente o domínio-alvo (Humano/Maria Rosa) dentro da metáfora conceptual HUMANO É ANIMAL:

[...] não significa que sejam perspectivadas todas as características do animal canino, a exemplo de pelos, de focinho, de patas etc., mas determinadas características do seu comportamento, como a sua liberdade sexual, a sua liberdade quanto à escolha de parceiros e parceiras, à sua falta de moralidade, dentre outras questões (SANTOS; BARRETO, 2018, p.775).

Por essa razão, o acarretamento metafórico MULHER É CACHORRA é acionado quando o domínio-alvo HUMANO é projetado em termos do domínio-fonte ANIMAL. O atributo do esquema EQUILÍBRIO é indexado quando o item linguístico ‘semelhante’ é utilizado, visto que, ao usar este adjetivo o sujeito/conceptualizador/autor afirma que Maria

Rosa age de forma igual, equivalente a uma cachorra. Percebe-se, mais uma vez, que a mulher é conceptualizada como um animal dentre outros, portanto, é PARTE do TODO.

MULHER NEGRA ITAPARICANA É SARACURA

(4) [...] — Eu nunca me enganei com *aquela saracura*, concluiu Lauriano, em presença do fulo e de outros pescadores, na palhoça de uma peixeira. (MARQUES, 1936, p.40, grifo nosso)

De acordo com o pesquisador Johan Frisch (2005), a *Aramides saracura*, conhecida como saracura-do-mato, é uma ave onívora que se alimenta de pequenos anfíbios e insetos. Está presente na região da Mata Atlântica do Sul e Sudeste do Brasil, e nas partes vizinhas do Paraguai e Argentina. Seu habitat é em matas fechadas, preferindo as áreas de banhados (FRISCH, 2005, p.168). Sua preferência por lugares fechados e pouco habitados é o principal motivo para a falta de documentação acerca do modo de vida das saracuras. Quando é encontrada, os registros sonoros são obtidos com mais facilidade.

Nos dicionários contemporâneos de língua portuguesa, a saracura é definida como “ave pernalta que vive em brejos ou lagoas[...]” (HOUAISS, 2011, p.845); além de conter “pernas e bico longos, asas curtas e dedos livres, que vivem ger. próximo à água e se alimentam tanto de vegetais quanto de pequenos animais” (AULETE, 2022). Pelo fato de terem asas curtas, as saracuras correm pelo mato ao invés de voar.

Aqui mais uma vez, o esquema PARTE-TODO é acionado, evidenciando-se que Lauriano, sujeito/conceptualizador/personagem, faz referência a Maria Rosa como um animal da natureza, sendo PARTE de um TODO, embasando a metáfora conceptual HUMANO É ANIMAL e, por conseguinte, instanciando o acarretamento metafórico MULHER NEGRA ITAPARICANA É SARACURA.

MULHER NEGRA ITAPARICANA É TAINHA

(5) Tinha seus namorados. Desejava agradar-lhes, pô-los tontos. *Diziam* porisso a seu respeito: ‘E’ uma perdição, é **uma tainha**’. Diziam com inveja, porque nenhuma ainda dera causa a tantos chinfrins entre os gaiatos da terra. (MARQUES, 1936, p.18, grifo nosso)

(6) Zeferino partiu, de cara à banda, humilhado, varado de ciúmes. — Como entendê-la? Tratava assim aquele mesmo homem que a sacudira no girau!... *Chamavam-lhe* poisso, e com razão, uma doida, **uma tainha**[grifo do autor [...]] (MARQUES, 1936, p.27, grifo nosso)

(7) [...] o fulo exaltou-se mais e quis atirar-se pelo peitoril dentro, para segurar as fitas do chapéu de Maria Rosa, fitas vermelhas, semelhantes a flâmulas de guerra. Ela, porém, escapou-lhe, resvalando, após *um salto, como a tainha* por cima da angareira. (MARQUES, 1936, p.61, grifo nosso)

Segundo Menezes (1983), “os peixes da família *Mugilidae* têm ampla distribuição, ocorrendo em águas tropicais e subtropicais de todo o mundo, principalmente na região costeira estuarina” (MENEZES, 1983, p.1). Desta forma, era muito comum na cidade de Itaparica no início do século XX, que pescadores e marisqueiras encontrassem esse espécime nas proximidades da sua localidade. Michaelis (2022) traz a definição de ‘tainha’ como vários peixes da família dos mugilídeos, com larga distribuição em todo o mundo, habitando águas costeiras temperadas ou tropicais e estuários salobres.

De acordo com Marques (1936), os habitantes da região “viviam da pesca de xangó, peixe miúdo, verdadeiro rebotalho do mar” (MARQUES, 1936, p.7). Pela narrativa podemos notar que os peixes eram explorados comercialmente em todas as regiões onde ocorriam a pesca, constituindo assim uma parte importante da alimentação humana. Porém, a *tainha*, como é conhecida vulgarmente no Brasil, era pouco comercializada fazendo com que este animal fosse por muito tempo desvalorizado.

Toda informação é formada, no sentido de que, normalmente, não se fala a respeito do que o mundo é, mas da visão que se tem dele, sendo assim, é o olhar perspectivista do sujeito/conceptualizador/autor que possibilita estabelecer semelhanças entre entidades distintas, que neste caso seriam aos esquemas PARTE-TODO, por essas mulheres/tainhas estarem inseridas no rol dos animais aquáticos que compõem a categoria maior dos animais, e EQUILÍBRIO, por serem comparadas a esses animais, na medida em que tanto a mulher quanto a tainha, nos contextos de usos analisados, são significadas como iguais, ancorando assim a conceptualização HUMANO É ANIMAL e, por conseguinte, MULHER NEGRA ITAPARICANA É TAINHA, nas três ocorrências destacadas.

Ainda, de acordo com Menezes (1983), embora fossem “pescados tradicionalmente há muito tempo no litoral brasileiro e utilizados mais recentemente em projetos de piscicultura e criação em viveiros, não existe trabalho algum na literatura brasileira que possibilite a identificação adequada das espécies” (MENEZES, 1983, p.15). Por conta desse conhecimento experiencial e corpóreo dos habitantes e sujeitos conceptualizadores, a lexia ‘tainha’ provavelmente foi mencionada na novela *Maria Rosa* e com essa personagem comparada.

Nos trechos (5) e (6), é possível notar, pelo uso dos verbos destacados dizer e chamar, evocados pela estrutura linguística “Diziam porisso ao seu respeito” e “Chamavam-lhe porisso e com razão”, a atribuição da personagem Maria Rosa ao peixe tainha. Isso possibilita entender que o ser humano tende a estruturar o mundo à sua volta de acordo com a noção do pensamento corporificado e com suas experiências.

Além do mais, os conhecimentos partilhados ao longo do tempo acerca da tainha permitem que o ser humano acesse modelos cognitivos sobre esse animal, fazendo os homens e mulheres que experienciaram o contato com o peixe através das atividades pesca, consumo e comercialização, fossem construindo perspectivas e conceptualizações.

A narrativa tende a projetar domínios que se baseiam no esquema imagético do EQUILÍBRIO, pois, no trecho (7), Maria Rosa é comparada diretamente ao animal pelo uso da conjunção subordinada comparativa ‘como’, que fica explícito no trecho “como uma tainha por cima da angareira”, quando aciona perspectivas com base em conhecimentos enciclopédicos, evocando as experiências corpóreas do sujeito/conceptualizador/autor.

Pode-se, então, considerar a capacidade físico-motora do sujeito/conceptualizador autor desempenhada no decorrer do desenvolvimento de práticas comunicativas no contexto histórico-geográfico em que está inserido.

DOMÍNIO VEGETAL

MULHER NEGRA ITAPARICANA É FLOR DE SALSA DAS PRAIAS

(8) [...] Quantos não *dariam todo seu peixe por essa flor de salsa* das praias!... (MARQUES, 1936, p.14, grifo nosso)

No Houaiss (2011, p.444), flor é definida como “1 órgão das plantas responsável pela reprodução, ger. Colorido e perfumado”, “2 fig a melhor parte”.

O esquema instanciado nessa ocorrência é o PARTE-TODO, que aciona o pólo TODO desse esquema, a partir da noção da cadeia dos seres vivos, a partir da qual é possível depreender que Maria Rosa é uma flor de salsa, vegetal que é comumente encontrado na região praieira da Ilha de Itaparica.

Ainda nesse excerto, encontra-se, a ocorrência em que Maria Rosa está sendo compreendida como objeto de posse, acionado pelo verbo ‘dar’, presente no trecho “quantos não dariam todo o seu peixe”. Esse desejo de posse percorre um caminho para chegar até Maria Rosa (dar todo o peixe para possuí-la), instanciando, assim, o esquema ORIGEM-PERCURSO-META.

Nessa ocorrência, a metáfora HUMANO É VEGETAL é estruturada pelo esquema RECIPIENTE, pois, a partir do trecho “por essa flor de salsa das praias”, inferimos que o corpo de Maria Rosa é visto como um espaço limitado e perspectivado como um vegetal. Sendo assim, o domínio-fonte VEGETAL e o domínio-alvo HUMANO ficam evidentes, ao ponto de propiciar o surgimento do acarretamento metafórico MULHER NEGRA ITAPARICANA É VEGETAL.

MULHER NEGRA ITAPARICANA É FÔLHA DE PATIOBA

(9) Lauriano picou-se. — ‘Ah! **fôlha de patioba!**’ *resmungou*, entre os dentes; e retrocedendo sonsamente, para a não espantar, parou de novo. (MARQUES, 1936, p. 23-24, grifo nosso).

Segundo o Houaiss (2011, p.446), folha geralmente é plana e de coloração verde, encontrada em plantas ou árvores, que nasce presa em galhos ou ramos. Ainda, de acordo com Houaiss (2011, p.731), as definições de planta são “nome comum dado aos organismos com clorofila e celulose em suas células; vegetal”. Dentro dessa noção do conhecimento experiencial acerca de folhas e plantas, podemos compreender o conhecimento sobre a ‘fôlha de patioba’.

A patioba é uma planta que simboliza poder e proteção em algumas regiões do Brasil. É muito comum as pessoas utilizarem a planta na entrada das casas como forma de proteger suas casas de energias ruins. Nas religiões de Matriz Africana, é uma planta geralmente ligada à sexualidade. A folha menor representa o sexo feminino e a folha maior o sexo masculino (ORIXÁ, 2020).

Na ocorrência (9), o esquema PARTE TODO é acionado, uma vez que, ao se inferir que o corpo de Maria Rosa é a ‘fôlha de patioaba’, considera-se que ela é parte da natureza como são os vegetais, acionando o acarretamento metafórico MULHER NEGRA ITAPARICANA É FOLHA DE PATIOABA, subjacente à metáfora conceptual HUMANO É VEGETAL.

5.2 CONCEPTUALIZAÇÕES DA MULHER NEGRA ITAPARICANA NA NOVELA *O ARPOADOR* (1936)

O Arpoador, novela literária que também faz parte deste estudo, representa o período em que a prática de baleação estava em ascensão. Caçar baleias não era tarefa das mais fáceis e menos arriscadas. Era preciso ter coragem e técnica para arpoar uma baleia.

Na narrativa, destaca-se, sobretudo, a refinada prosa poética com que são narradas as aventuras de caça de Militão, famoso arpoador de baleias. A caça era realizada nas águas da Baía de Todos os Santos durante a temporada em que os cetáceos procriavam.

É possível notar que a obra de Marques (1936) é um lugar onde é narrado com riqueza de detalhes o contexto de onde pescadores, arpoadores e os demais profissionais que caçavam baleias:

[...] Todo êsse mar grande que vosmecê está vendo desta costa p’ra o sul, até fora daquela barra de Santo Antônio, tudo isso gemeu na quilha da nossa lancha, êste seu negro na proa e o peixe, danado, na frente levando filame, até... donde a gente não avistava mais nem sombra de terra... (MARQUES, 1936, p.84)

Manuel Ventura, armador de baleeiras, estava em busca desse afamado arpoador para retomar a caça que se tornava cada vez mais rentável. Porém, Militão se recusou a tocar novamente em um arpão, alegando ter desobedecido certos conselhos e que por isso estaria sob os efeitos de um feitiço. De acordo com Marques (1936), Militão declarou que: “[...] —p’ra o arpão este braço não levanta mais?... Ninguém sabe disto. Pensam que me aborreci da vida. Qual!... Eu conto a vosmecê.” (MARQUES, 1936, p.85-86)

Ainda, segundo Marques (1936), Militão “cismara com baleias e baleeiras e que ninguém mais teria força bastante para o remeter à atividade da pesca.” (MARQUES, 1936, p.76). Porém, não satisfeito com os argumentos do praiano, Manuel Ventura (armador de baleeiras) insistiu em ter o destemido arpoador ao lado da tripulação e desbravar o oceano que os aguardava.

No plano de fundo da narrativa, estão as mulheres que habitavam aquele espaço: avós, mães, filhas, irmãs, primas e também esposas dos homens que trabalhavam no contexto da

baleação. Mulheres negras que eram desumanizadas, destinadas ao espaço doméstico e colocadas em um lugar de silêncio e serventia. Neste sentido, as conceptualizações que são apresentadas denunciam os métodos com que essas mulheres eram inferiorizadas e violadas, de modo que seus corpos eram explorados pela sociedade patriarcal. Isso pode ser observado no trecho em que o sujeito/conceptualizador/autor apresenta a fala de Militão com as seguintes palavras: “Família é caçada? Trago uma ranchada de mulheres nas costas... cinco filhas p’ra dar de comer... E há uma semana com a mão em cima da outra.” (MARQUES, 1936, p.81).

A partir do exposto, pode-se perceber que o caminho trilhado pelas mulheres negras rumo à emancipação é solitário e cheio de obstáculos. Até mesmo dentro de uma narrativa em que estão sendo apresentadas, as mulheres são adjetivadas pelos homens de maneira desqualificadora e, muitas vezes, carregadas de estereótipos. Isso é perceptível, ao se verificar como a mulher itaparicana, o domínio alvo, aquele que se quer conhecer a significação, é projetada para os domínios-fonte animal e vegetal, ou seja, aqueles que se conhece melhor, que são mais concretos. Daí advém acarretamentos metafóricos, tais como MULHER NEGRA ITAPARICANA É PEIXE, MULHER NEGRA ITAPARICANA É RÃ.

DOMÍNIO ANIMAL

MULHER NEGRA ITAPARICANA É PEIXE

(10) Na quadra, *encolhidas*, cada uma em sua tripeça, estavam duas mulheres. Uma, fula, idosa, magra, com a *pele do rosto foveira e escamada*. (MARQUES, 1936, p.83 grifo nosso)

No trecho destacado na ocorrência (11), os domínios de experiência são estruturados pelos esquemas LIGAÇÃO, PARTE-TODO, CONTATO e RECIPIENTE. De acordo com Houaiss (2011, p.711), peixe é um animal vertebrado aquático, dotado de nadadeiras e brânquias.

O esquema do CONTATO é acionado através da noção de que essas mulheres estavam próximas do personagem masculino que era o foco central da trama: Militão “O famoso Arpoador de Baleias”. Mas essas mulheres não estavam somente próximas, elas tinham contato e faziam parte da família dos arpoadores, portanto têm-se os esquemas de LIGAÇÃO e PARTE-TODO, respectivamente.

Além dos esquemas mencionados, a metáfora conceptual HUMANO É ANIMAL é acionada a partir de características físicas dos peixes que, segundo a perspectiva do autor, se assemelhavam à mulher. O uso da expressão “a pele do rosto escamada” possibilita que seja acionado o esquema RECIPIENTE, onde o corpo da mulher contém fisionomia de um peixe, possibilitando a construção do acarretamento metafórico MULHER NEGRA ITAPARICANA É PEIXE.

MULHER NEGRA ITAPARICANA É RÃ

(11) [...] Apenas viu gente estranha, *deu um salto* de **rã**, e olhando para o armador, pôs-se a resmungar: — ‘Matou?... o tubarão?... Foi o tubarão... (MARQUES, 1936, p.83 grifo nosso).

No dicionário Houaiss (2011, p.787), a rã é um animal anfíbio sem cauda e de pele lisa, cujos membros posteriores são desenvolvidos para o salto e a natação, e que vive perto de rios, lagoas e brejos. De acordo com esse conhecimento experiencial, na ocorrência (12), a expressão “deu um salto de rã” mostra que a mulher está sendo conceptualizada como um animal.

Nessa ocorrência, a metáfora é estruturada pelos esquemas PERTO-LONGE, CONTATO e FORÇA/BLOQUEIO. É possível inferir que tanto o polo PERTO quanto o LONGE do esquema PERTO-LONGE são acionados, visto que o sujeito/conceptualizador/autor afirma que a mulher está distante não só fisicamente, mas também do diálogo que está sendo desenvolvido. Consequentemente, o esquema do CONTATO aparece, quando os personagens estão perto um do outro.

O esquema FORÇA/BLOQUEIO é também acionado nesse contexto, pois a distância hierárquica dentro do ambiente familiar é o obstáculo que impede a personagem feminina de ficar presente durante uma conversa entre os personagens masculinos, demonstrando a forma autoritária, preconceituosa e hostil com que as mulheres eram tratadas no início do século XX.

6 À GUIA DE CONCLUSÃO: MULHERES NEGRAS REESCREVENDO SUAS HISTÓRIAS

Após as análises realizadas, observou-se que as discussões são necessárias e de que é importante sempre retomar o debate sobre a conceptualização da mulher nas novelas literárias de Xavier Marques. Observam-se pontos importantes para se refletir, uma vez que tais debates reverberam questões sócio-históricas importantes para compreensão dos diversos papéis sociais ocupados pelos sujeitos.

No decorrer das análises, se torna evidente como o patriarcado se perpetuou ao longo dos séculos com o objetivo de enfraquecer as mulheres, e sobretudo as mulheres negras, enquanto sujeitos individuais e coletivos. As reflexões aqui apontadas são realizadas no intuito de discutir sobre o papel da linguagem como instrumento de poder e da literatura nacional como um instrumento de manutenção dessa postura, construindo e perpetuando imagens de uma sociedade onde as mulheres negras sofrem todo tipo de discriminação, opressão, seja pelo machismo, pelo sexismo ou pela xenofobia.

Nota-se que é de extrema importância a reflexão sobre as formas de resistência expressas pelas mulheres negras em suas lutas cotidianas pelo bem viver, onde se tornam fundamentais as estratégias de denúncias e de reflexões para os leitores. Nesse sentido, um olhar que contraria os paradigmas eurocêntricos nos permite buscar leituras onde as personagens negras não estejam em situação de miserabilidade, hipersexualizadas, objetificadas, animalizadas.

Enquanto as mulheres brancas eram protegidas, no sentido de conservar sua castidade e com isto garantir que os bens fossem repassados para os herdeiros legítimos dos homens brancos e ricos que atuavam na manutenção da posse das propriedades dentro de uma mesma família, as mulheres negras eram tratadas irracionais, emocionais, mais próximas aos animais.

Para os homens brancos era designado o papel de proteger as mulheres brancas privilegiadas, com uma espécie de proteção institucional. Essa proteção, que abarcava em menor quantidade as mulheres brancas pobres, deixava de fora as mulheres negras que, nesse contexto, assumiram posição de inferioridade referente a sua cor e tinham seu controle de fertilidade como forma de manter a continuidade da mão de obra escrava, já que seus filhos também tinham como destino a escravidão (COLLINS, 2015). As mulheres itaparicanas,

ênfatizando as negras presentes no contexto histórico do estudo empreendido, foram constituídas por meio de mecanismos de apagamento na história, foram subjugadas tendo seus direitos cerceados, sendo submetidas aos seus pais, irmãos ou maridos, sendo consideradas legalmente incapazes.

Nesse contexto, as novelas literárias funcionavam como um instrumento de construção de identidades e, portanto, como um elemento de sentidos que teve um papel importante na disseminação de ideias do que era ser mulher negra na sociedade da época, fazendo circular sentidos, estereótipos que as colocavam em determinadas posições na sociedade patriarcal, machista e sexista as quais estavam inseridas.

Em tom de narrativas que representavam o cotidiano na cidade de Itaparica, os textos literários indicavam comportamentos, construindo as conceptualizações do que viriam a ser as mulheres negras que habitavam aquele espaço. Essas conceptualizações, até então trazidas, eram repetidas e retomadas durante todas as narrativas que eram disseminadas em animalizações, vegetalizações e objetificações, reverberando como o discurso colonial apresenta as mulheres negras como um contingente populacional no mais baixo nível do que se pode chamar de “hierarquia humana”.

Reitera-se aqui a ideia de que as novelas literárias, muito mais do que elementos de informação e entretenimento, passam a constituir-se como elementos cognitivos, fazendo ecoar metáforas, retomando aspectos da memória histórica na constituição de sentidos e da ideologia que constitui os dizeres e naturalizam conceptualizações relacionadas à mulher itaparicana.

Para melhor aprofundar essas e outras questões, ao longo da elaboração desta dissertação, foi feita uma tentativa de compreender que as noções de gênero são construções sociais e culturais e que a novela literária, meio de comunicação do início do século XX, mais precisamente entre os anos de 1902 e 1930, funcionou como impulsionadora dessas construções sociais, havendo menor espaço para o questionamento dos papéis naturalmente atribuídos a homens e mulheres.

Em síntese, além de discorrer com base nos fundamentos teóricos da Linguística Cognitiva e das teorias que auxiliam a sua compreensão enquanto teoria que tem como concepção, em termos práticos, a compreensão do sujeito com base em seu modo de existir no aqui e agora, incluindo a forma de experienciar o mundo e as várias situações de sua vida, buscou-se estudar os excertos cujas categorizações e conceptualizações metafóricas identificadas evidenciam a forma de pensar de um homem do início do século XX, o qual reproduz e reflete a forma de compreender o mundo da sociedade da época por meio de conceptualizações metafóricas que evidenciam preconceito e inferiorização da mulher negra itaparicana.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Antônio S. **Linguística Cognitiva: Uma visão geral e aplicada**. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. **A categorização à luz da sociolinguística cognitiva: diferentes organizações de mundos possíveis**. In: ATAIDE, Cleber A.; SOUSA, Valéria. (Org.). *Língua, texto e ensino: descrições e aplicações*. Recife: Pipa Comunicação, 2018a. p. 269-284. Disponível em: www.gelne.com.br/arquivos/Língua-texto-e-ensino%20-%20Gelne.pdf. Acesso em: 25 de jun. 2022
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. **Porra, um palavrão? Às vezes, sim, às vezes, não: um estudo sobre categorização à luz da linguística cognitiva**. In: ALMEIDA, A. Ariadne; SANTOS, Elisângela S. dos; SIMÕES NETO, Natival. *Dez leituras sobre o léxico*: Salvador, EDUNEB, 2019.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues.; SANTOS, Elisângela Santana dos. **O estudo do significado léxico em semântica sócio-histórico-cognitiva**. Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 8., n. 2, 2019. p. 136-157.
- ALMEIDA, Maria Lucia L. et al (Org.). **Linguística cognitiva em foco: morfologia e semântica**. Rio de Janeiro: Publit, 2010.
- ALMEIDA, José Maurício Gomes. **A tradição regionalista no romance brasileiro: 1857-1945**. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 1999.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Porto Alegre: Globo, 1996.
- ARISTOTÉLES. **Generation of animales**. Tradução de A. L. Peck. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1942.
- ARISTÓTELES. **Poética: os pensadores**. São Paulo: Abril, 1999.
- AULETE Digital. **O dicionário da língua portuguesa na internet**. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 13 jan. 2022.
- BAIROS, Luiza. Lembrando Lélia Gonzáles. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. (Org.). **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro: Pallas; Crioula, 2006. p.42-61.
- BORGES, V. R. **História e literatura: algumas considerações**. Revista de Teoria da História, local, v. ANO 1, p. 94-109, 2010. Artigo no seguinte endereço eletrônico: http://revistadeteoria.historia.ufg.br/uploads/114/original_ARTIGO%205_BORGES.pdf?1325259086> Acesso em: 19 fev. 2023.
- BRASIL. Lei n. 3.353, de 13 de maio de 1888. **Declara extinta a escravidão no Brasil, art. 1º**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim3353.htm . Acesso em: 17 mar. 2023.
- BRAVO, Freddy e Calor, Adolfo Ricardo. **Conhecendo os artrópodes do Semiárido** / Freddy Bravo e Adolfo Ricardo Calor. 1.ed. – São Paulo: Métis Produção Editorial, 2016, p. 192.

CARNEIRO, S. **Enegrecer o feminismo:** a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA(Orgs.). *Racismos contemporâneos*(pp. 49-58). Rio de Janeiro: Takano Editora. 2003.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em Movimento.** Revista de Estudos Avançados, São Paulo. v.17, n.49, 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948>>. Acesso em: 17 nov. 2006.

COSTA, M. F.; SOARES, J.C. **Livre como uma borboleta:** simbologia e cuidado paliativo. Rev. Bras. Geriatr. Gerontol., Rio de Janeiro, 2015; 18(3):631-641.

CUNHA, Antonio G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa.** 3 ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2012.

DEL PRIORE, Mary.**Histórias e conversas de mulher.**São Paulo: Planeta, 2013.

DUQUE, Paulo Henrique; COSTA, Marcos Antonio. **Linguística cognitiva:** em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências. Natal: EDUFRN, 2012.

EIKHENBAUM, Boris. **Sobre a teoria da prosa.** In: Teoria da literatura: formalistas russos. 2.ed. Porto Alegre: Globo, 1976.

EWEN, Stuart. **Captains of consciousness:** advertising and the social roots of the consumer culture. New York: Basic Books, 2001.

FANON, Frantz, **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

FALCON, F. J. C.. **História das Ideias.** In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da História.* 1ed.Rio de Janeiro: Campus, 1997, v. 1. p. 91-126.

FELTES, Heloísa P. de Moraes. **Semântica Cognitiva:** ilhas, pontes e teias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FERNÁNDEZ JAÉN, Jorge. **Semántica Histórica:** introducción y contextualización. Anuari de filologia. Estudis de Lingüística, n. 6, p. 55-61, 2016. Disponível em: <https://www.raco.cat/index.php/AFEL/article/view/317010>. Acesso em: 26 jan. 2022.

FERNÁNDEZ JAÉN, Jorge. **Breve historia de la semántica histórica.** Interlingüística, n. 17, p. 345-354, 2007. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2317212.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2022.

FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva.** São Paulo: Contexto, 2011.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia.** 7ª.ed. São Paulo: Ática, 2003. 220 . Argumentação e discurso. Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso, São Paulo, vol. 9, n. 1, p. 53-70, 2014.

FIORIN, José Luiz.**Introdução a Linguística II.**São Paulo: Ática, 2005. p. 18-31

FRISCH, Johan. **Aves Brasileiras e Plantas que as Atraem**. 3ª edição. FRISCH, Chistian Dalgas Ed. Dalgas Ecoltec- Ecologia Técnica Ltda Pág.168. 2005.

GEERAERTS, Dirk. **Diachronic prototype semantics: a contribution to historical lexicology**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

GEERAERTS, Dirk. **Methodology in cognitive linguistics**. In: KRISTIANSEN, G.; ACHARD, M.; DIRVEN, R.; RUIZ DE MENDOZA, F. J. (Ed.). *Cognitive linguistics: current applications and future perspectives*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006. p. 21-49.

GONZALEZ, Lélia. **“Mulher negra”**. *Afrodíaspóra*, Rio de Janeiro: IPEAFRO, v.3, n.6/7, p.94-104, 1985.

GONZALEZ, Lélia. **Mulher Negra**. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org). *Guerreiras da Natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente*. São Paulo: Selo Negro, 2008. p.29-47.

GOTLIB, Nádía Batella. **Teoria do conto**. 7.ed. São Paulo: Ática, 1995.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss Conciso**. Mauro de Salles Villar (Ed. Responsável). São Paulo: Moderna, 2011.

JESUS, Luciel P. de. **Da África às páginas dos jornais: um estudo cognitivo sócio-histórico sobre as conceptualizações de escravizados e escravizadas em anúncios do Estadão, no século XIX**. Dissertação (Mestrado Acadêmico – Pós-Graduação em Estudos de Linguagens). UNEB. Salvador, 2021. 277 p.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things**. What categories reveal about the mind. Chicago: the University Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Coordenação de tradução Mara Sophia Zanotto. Campinas, SP: Mercado de Letras; EDUC, 2002 [1980].

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George. **The contemporary theory of metaphor**. In: ORTONY, Andrew. (Ed.). *Metaphor and thought*. 2 ed. Cambridge: University Press, 1993. p. 202-251.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought**. New York: Basic Books, 1999.

LITTLEMORE, J. **Metonymy: hidden shortcuts in language, thought and communication**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

MARQUES, Francisco Xavier Ferreira. **Praieiros**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1936.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa 1**/ Massaud Moisés, 20.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

MICHAELIS Digital. **Dicionário brasileiro de língua portuguesa**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/> Acesso em: 13 jan. 2022.

MIGNOLO, Walter. **The Darker Side of the Renaissance**. Literacy, Territoriality and Colonization (Ann Arbor: Michigan University Press). 1995

NUNES, Silvia Alexim. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha**: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

ORIXÁ, Folha. **Texto sobre a Patioba**. São Paulo, 17 de jan. de 2020. Facebook: folhadeorixa. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadeorixa/photos/a.1439222256330029/2433172893601622/?type=3> Acesso em: 27. de fev. de 2022

PAIXÃO, Marcelo; GOMES, Flávio. **Histórias das diferenças e das desigualdades revisitadas**: Notas sobre gênero, escravidão, raça e pós-emancipação. Estudos Feministas. Florianópolis, p. 949-964, setembro-dezembro, 2008. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/24327811>. Acesso em: 05 nov. 2022.

PAIXÃO, Marcelo. GOMES, Flávio. **Razões afirmativas**: pós-emancipação, pensamento social e a construção das assimetrias raciais no Brasil. In: MANDARINO, Ana Cristina de Souza. GOMBERG, Estélio. Racismos: olhares plurais. (Orgs.). Salvador: EDUFBA, 2010. p. 45-92.

PINTO, Elisabete Aparecida. **Sexualidade, gênero e cor em outros tempos**. In: MANDARINO, Ana Cristina de Souza. GOMBERG, Estélio. (Orgs.). Racismos: olhares plurais. Salvador: EDUFBA, p. 223-252, 2010.

OLIVEIRA, Peterson José de. **Novela**: um gênero polêmico. Albuquerque: revista de História, Campo Grande, MS, v. 2, n. 3, p. 135-153, jan./jun. 2010

PAIXÃO, Raimundo Maurício Matos. **Enriba da terra**: da sinergia da luta individual para a coletiva, refletindo a partir do quilombo de Cana Brava. 2015. 126 f. Dissertação (Mestrado em Cartografia Social e Política da Amazônia) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2015. Disponível em: <<http://www.ppgcspa.uema.br/?p=523>>. Acesso em: 24 jan. 2017.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala?** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ROSCH, Eleanor. **Cognitive representations of semantic categories**. Journal of Experimental Psychology: General, Estados Unidos, v. 104, n. 3, p. 192-233, 1975.

ROSCH, Eleanor. **Principles of categorization**. In: ROSCH, Eleanor; LLOYD, Barbara L. Cognition and Categorization. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1978. p. 27-48.

ROSCH, Eleanor et al. **Basic objects in natural categories.** Cognitive Psychology, Amsterdam, n. 8, p. 382-439, 1976.

QUIJANO, Aníbal. “**Raza**’, ‘**etnia** y ‘**nación**’ en Mariátegui: Cuestiones Abiertas” em Juan Carlos Mariátegui y Europa. La otra cara del descubrimiento (Lima: Amauta). 1992.

SALLES, David. **O Ficcionista Xavier Marques: Um Estudo da “Transição” Ornamental.** Rio de Janeiro/Brasília, Civilização Brasileira/INL, 1977.

SANTANA, Neila M. O. **O estudo sócio-histórico-cognitivo das conceptualizações e categorizações do AMOR em cartas dos séculos XIX e XX.** Tese. (Doutorado – Pós-Graduação em Língua e Cultura). UFBA. Salvador, 2019. 215 p.

SANTOS, Elisângela Santana dos. **O estudo do significado sob a perspectiva da linguística/semântica cognitiva.** Pontos de Interrogação, Salvador, v. 5, n. 1, p. 11-28, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/issue/view/127/showToc>. Acesso em: 17 ago. 2022

SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos. **Os estudos feministas e o racismo epistêmico.** Dossiê Mulheres Negras: experiências, vivências e ativismos. Revista Gênero, Niterói. v.16, n 2, p.7-32. 1ºsem. 2016.

SANTOS, E. S; BARRETO, M. A. **Estudo Da Categorização E Conceptualização De cachorro E Cachorra Em Músicas Do Cancioneiro Popular Brasileiro.** In: ATAÍDE, C. A.; SOUSA, V. V. Língua, texto e ensino: descrições e aplicações / Cleber Alves de Ataíde; Valéria Viana Sousa. [orgs.]. – Pipa Comunicação, 2018. p. 784.

SARDINHA, Tony Berber. **Metáfora.** São Paulo: Parábola, 2007.

SANTOS, Walkyria Chagas da Silva. **A mulher negra brasileira.** Revista África e Africanidades – Ano 2 - n. 5 – Maio de 2009. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/A_mulher_negra_brasileira.pdf>. Acesso em 17 de mar. de 2023.

SCHWARCZ, L. M. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociedade brasileira.** São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SOUZA, Grace Kelly Silva Sobral. **Memórias da trajetória de lutas e resistência dos movimentos de mulheres negras do Maranhão a partir do “Grupo de Mulheres Negras Mãe Andressa”.** Kuanissa, São Luís, v.1. nº1. p.154-172, jan./jun/2018.

SIMÕES, Ana B. **Do outro lado da tela: estratégia, ação e conceptualização no ensino de espanhol como língua adicional em aulas síncronas online.** In: Marielles: Somos Muitos, Somos Resistência – Anais do IX Seminário dos Alunos de Pós-graduação em Letras da UERJ/ Vários autores – Volume 1- 1ª ed- Colombo: Editora Épós, 2020. p. 35-49.

SPERANDIO, N. E. **O Modelo Cognitivo Idealizado no Processamento Metafórico.** Dissertação de mestrado, Programa de Mestrado em Letras, Universidade Federal de São João Del-Rei. São João Del-Rei, 2010.

STUART, Hall. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. 480 p.

SILVA, Augusto Soares da. **A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística**. Revista Portuguesa de Humanidades: estudos linguísticos. v. 1, fasc. 1-2, p. 59-101, 1997.

VEREZA, Solange Coelho. (org). **Sob a ótica da metáfora. Tempo, conhecimento e guerra**. Niterói: Editora da UFF, 2012.

VITORIO, Rafael B. da S. **Raça, corpo e existência: uma leitura pós-colonial em Fanon**. Anãsi: Revista de Filosofia, Salvador, v. 1, n. 2, 2020

WITTGENSTEIN, Ludwig J. J. **Investigações Filosóficas**. Tradução José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1991.